



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de posse do novo ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Luis Carlos Guedes Pinto**

**Palácio do Planalto, 03 de julho de 2006**

Meu caro José Alencar, vice-presidente da República,

Meu caro Luis Carlos Guedes Pinto, ministro de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Meu querido companheiro Roberto Rodrigues,

Embaixadores,

Ministros aqui presentes, Dilma Rousseff, Waldir Pires, Paulo Sérgio, João Luiz Silva Ferreira, Nelson Machado, Patrus Ananias, Agenor Álvares da Silva, Luiz Fernando Furlan, Cláudio Langone, Orlando Silva – lamento, Orlando, que tenhamos saído tão cedo da Copa do Mundo –, Guilherme Cassel, Luiz Dulci, José Armando Félix, Jorge Hage, Tarso Genro, Paulo Vanuchi,

Senador Eduardo Suplicy,

Deputado federal Henrique Fontana,

Deputado João Lira,

Meus caros empresários e empresárias representantes do setor agrícola brasileiro,

Funcionários do Ministério da Agricultura,

Meus amigos e minhas amigas,

Não é hábito o Presidente da República fazer discurso na saída de um ministro, mas eu penso, Roberto, que você, não apenas como ministro... eu penso que todas as pessoas que aprenderam a ter um relacionamento contigo, descobriram que você é um ser humano especial.



Eu não conhecia o Roberto Rodrigues quando o convidei para ser ministro da Agricultura. O Roberto Rodrigues, convidado por mim, com outro grupo de empresários, participou de duas reuniões, ainda durante o processo de campanha política. E a figura do Roberto era tão forte que vários companheiros dele, ligados ao setor, todos tidos como futuros ministros da Agricultura, é que trataram de indicar você para ministro. Portanto, não sei se você percebeu, você não teve concorrente, porque os possíveis concorrentes te indicaram para ser Ministro da Agricultura.

E nesses três anos e meio, Roberto, eu aprendi contigo a saber o que que é um agricultor, o que é a vida nem sempre fácil do homem do campo, seja ele pequeno ou grande. Eu aprendi a conhecer a sensibilidade de um ser humano que amargava os dissabores dos momentos delicados da crise na agricultura.

Poucas vezes eu vi alguém com tanta sensibilidade diante de uma crise. É importante que vocês saibam: cada vez que o Roberto participava de um evento e alguém o atacava, ou alguém o criticava de público, ele voltava para cá 30 anos mais velho, ou seja, penso que não apenas eu, mas tantos outros ministros aqui tínhamos um cuidado especial com a figura do Roberto.

Então, Roberto, ao deixar o Ministério, eu penso que você deixa um substituto, companheiro da sua mais extraordinária confiança, companheiro que você e eu temos como amigo, em que temos confiança e que tem, por nós, companheirismo e lealdade, que conhece os problemas do setor, que trabalhou contigo todos esses anos e, portanto, certamente dará seqüência às coisas que já estão encaminhadas.

Estou pedindo a Deus que a gente não tenha mais crise nesses próximos dois ou três anos, não é possível que a gente possa ter mais uma seca... foi uma época em que a gente viu o rio Amazonas secar, o Pantanal secar, o Rio Grande do Sul secar. Eu penso que nós vamos ter, agora, uma certa tranqüilidade no setor. E todos os mecanismos que você e o Guedes



estão introduzindo para que a gente tenha maior solidez, certamente estarão consolidados este ano.

Eu queria pedir a compreensão e a ajuda, sobretudo das entidades aqui, Márcio, Ernesto, ajuda ao novo Ministro para que ele possa fazer igual, mais e, se Deus quiser, possa até fazer melhor do que o professor o ensinou.

Queria dizer a você, Roberto, que você será reconhecido pela história deste país, não pela crise na agricultura, mas eu penso que poucas vezes na história, o Brasil teve um ministro com o grau de conhecimento do setor que você tem, com a respeitabilidade internacional que você conquistou, uma combinação entre o intelectual e um homem prático do campo, que sabe tanto as proezas da sala de aula como sabe os dissabores das incertezas, quando se coloca uma semente no campo.

E eu quero te dizer, Roberto, que eu sou agradecido por esses três anos e meio de convivência, sou agradecido por esses três anos e meio em que nós nos conhecemos, e eu acho que o Brasil haverá de reconhecer que, muitas vezes, houve injustiça com você. Eu vivia dizendo para o Roberto: tudo isso parece muito futebol. Tem dias em que a gente é aplaudido, mas meio minuto depois a gente perde um pênalti e pronto, é uma vaia que não acaba mais e nós, brasileiros, temos experiência dessas coisas.

E em tempo de crise é assim. Em tempo de crise, alguns procuram logo encontrar um jeito de encontrar um culpado, e eu, como ser humano, como seu companheiro – eu sei que o Paulo, seu filho mais velho está aqui – fui à sua casa duas vezes e a impressão que eu tenho é de que eu fui 50 vezes, pelo carinho, pelo tratamento que a gente recebe da família como um todo, e quero te dizer do profundo respeito que a dona Marisa tem por você, da profunda amizade e admiração.

E eu quero te dizer o seguinte, Roberto: eu decidi que você seria ministro da Agricultura, foi uma vontade pessoal minha. Você decidiu que precisaria dar um tempo na sua vida. Portanto, eu só espero, Roberto, que



esteja onde estiver, fazendo o que você estiver fazendo, eu quero que você saiba que você deixou, neste governo, muitos amigos. E, da parte do Presidente da República, você deixou mais do que um amigo, você deixou um irmão, um companheiro que, mesmo sem ser ministro, pode ficar certo, vou tentar continuar abusando dos seus conhecimentos para que a gente possa fazer as coisas que ainda precisam ser feitas no Brasil.

De coração, Roberto, muito obrigado por tudo o que você fez, por tudo o que você tentou fazer, muito obrigado pelo que você passou aqui, nos bons e nos maus momentos e, sobretudo, muito obrigado pela lealdade demonstrada nesses três anos. Eu poderia terminar dizendo, Roberto, que eu nunca acreditei nesse negócio de amor à primeira vista, e eu acho que entre nós, respeitando as nossas condições, eu quero te dizer que poucas vezes, em tão pouco tempo, eu galvanizei uma relação de amizade tão forte e de respeito como a que eu tenho por você. Boa sorte na sua vida, que Deus te abençoe e fique certo de que o Brasil continuará precisando de você. Obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de assinatura do Protocolo de Adesão da Venezuela como  
Membro-Pleno do Mercosul**

**Caracas-Venezuela, 04 de julho de 2006**

Excelentíssimo senhor Hugo Chávez, presidente da República Bolivariana da Venezuela,

Meu querido anfitrião e também nosso amigo, excelentíssimo senhor Néstor Kirchner, presidente da República Argentina e presidente pró-tempore do Mercosul,

Excelentíssimo senhor Nicanor Duarte, presidente da República do Paraguai,

Excelentíssimo senhor Tabaré Vázquez, presidente da República Oriental do Uruguai,

Excelentíssimo senhor Evo Morales, presidente da República da Bolívia,

Meu caro companheiro Carlos Álvares, presidente da Comissão Permanente dos Representantes do Mercosul,

Queridos companheiros e companheiras chanceleres aqui presentes,

Embaixadores,

Senhoras e senhores, membros do governo da Venezuela,

Senhores e senhoras congressistas,

Membros do Corpo Diplomático,

Empresários,

Estudantes,

Trabalhadores,

Jornalistas,

Meus senhores e minhas senhoras,



Estamos escrevendo, hoje, um novo capítulo na história da integração da nossa região. Com a adesão da Venezuela, o Mercosul ganha novos horizontes e alcança uma dimensão econômica e política verdadeiramente continental.

Formamos, a partir de agora, um bloco com mais de 250 milhões de habitantes, com uma área de 13 milhões de quilômetros quadrados e um PIB superior a um trilhão de dólares. Nosso comércio global ultrapassa os 300 bilhões de dólares.

Estamos construindo um notável patrimônio de realizações que aproximam nossos cidadãos, fortalecem nossas instituições e promovem o desenvolvimento solidário. Sabemos que isso requer empenho em forjarmos relações econômico-comerciais efetivamente complementares, que beneficiem a todos os nossos cidadãos. Para isso, devemos continuar nossa luta contra a exclusão, a pobreza e a desigualdade social, o fundamento de um sistema democrático sólido e durável.

Meus amigos Presidentes,

O Mercosul é o projeto político de maior envergadura da história da nossa região. Os desafios que temos diante de nós são proporcionais às nossas ambições. Temos um forte compromisso com a democracia e com os preceitos de pluralismo político, respeitamos os processos de cada país. É por isso que também temos o direito de exigir que não haja ingerência de nenhum tipo em nossa região.

Somos e queremos ser uma zona de paz. Constituimos um amplo espaço livre de armas de destruição, reconhecemos a urgência de encontrar respostas para as assimetrias que limitam a capacidade de nossos parceiros menores de tirar pleno benefício de nossa integração.

Foi com esse espírito que decidimos constituir o Fundo de Convergência Estrutural do Mercosul e estudamos outras medidas de complementação



produtiva, de fortalecimento de nossa infra-estrutura física e de integração energética.

Ao mesmo tempo, estamos desenvolvendo mecanismos que facilitem o acesso das exportações, das economias menores aos mercados dos demais sócios. No caso do Brasil, desenvolvemos um programa de substituição competitiva de importações. Contemplamos flexibilidades nas regras comerciais, de modo a incentivar novos investimentos produtivos. Assim, asseguraremos que os benefícios de nossa união sejam distribuídos de forma equilibrada.

Precisamos aproximar o Mercosul dos cidadãos e dos poderes locais. Quando mais coesos estivermos, mais fortes e competitivos seremos neste mundo globalizado, injusto e desigual. Somente a união garantirá uma integração dinâmica do comércio internacional. A incorporação da Venezuela ao Mercosul é oportunidade para reafirmamos compromissos com uma integração solidária. Saudamos o fato de que o Protocolo de Adesão tenha reconhecido as necessidades especiais do Paraguai e do Uruguai.

Meu querido companheiro Chávez,

A adesão da Venezuela ao Tratado de Assunção é mais do que um voto de confiança na força de nosso projeto comum. A expansão de nosso bloco até o Caribe reforçará a percepção de que o Mercosul é uma realidade continental, ajudará a visualizar o Mercosul como a espinha dorsal da integração da América do Sul. Queremos também que a presença da Venezuela no Mercosul contribua ao processo em curso, de formação da Comunidade Sul-Americana de Nações, que valorizamos especialmente.

A diversidade econômica e a pluralidade política não devem ser fatores de desunião, nem devem excluir a cooperação mutuamente vantajosa e o bom entendimento entre todas as nações da América do Sul.

Do ponto de vista brasileiro, o ingresso da Venezuela ao Mercosul se soma à Aliança Estratégica Venezuela-Brasil, ao excepcional crescimento de



nossas nações nos campos de comércio, do investimento, e também referente à nossa cooperação energética. Nos fóruns internacionais, como as Nações Unidas e a OMC, somamos nossas vozes para ajudar a modificar as regras e procedimentos que não respondem aos interesses de nossa região.

Registro, com satisfação, que todos os membros do Mercosul integram o Grupo do G-20, e têm sido uma ferramenta fundamental para um resultado justo e equilibrado na Rodada de Doha.

No momento em que celebramos a vitalidade do Mercosul, quero saudar a presença, entre nós, do nosso querido companheiro e amigo Evo Morales, presidente da Bolívia. Sua decisão de prestigiar este evento aponta para as grandes potencialidades que se abrem para uma parceria reforçada da Bolívia com nosso bloco. Quem sabe, companheiro Evo, não está longe o dia em que estaremos em La Paz, para que a Bolívia também adentre como sócia do Mercosul. O Mercosul é um foro de diálogo e cooperação entre sócios, uma plataforma democrática de construção de consensos e promoção de interesses comuns.

Amigos Presidentes,

As dificuldades conjunturais são inerentes a todo projeto inovador, como o da integração da América do Sul, e em especial o Mercosul. Elas devem servir de estímulo à nossa criatividade e inteligência política. O que estamos testemunhando hoje, com a adesão da Venezuela ao Mercosul, demonstra que nossos próceres não “araram o mar”, como temia Bolívar. Seu sonho vive nos corações e mentes dos povos sul-americanos. Hoje, demos mais um passo para torná-lo realidade.

Meu querido amigo Chávez,

Meus queridos Presidentes,

Eu penso que a assinatura do Protocolo que fizemos hoje é mais do que um documento que garanta um comércio mais justo entre nossos países, é mais que um documento que permita aos nossos empresários fazerem





negócios. O documento que nós assinamos hoje é a concretização de um sonho de milhões e milhões de latino-americanos que, ao longo de tantos séculos, morreram acreditando que era possível construir a integração. E a Venezuela tem o seu símbolo maior, que é o inesquecível Simón Bolívar.

Mas, também, presidente Chávez, é um momento de reflexão, reflexão profunda, porque muitas vezes, no calor das festas, nós nos esquecemos dos momentos em que não tínhamos festa, mas tínhamos desprezo, tínhamos descrédito e tínhamos gente que não acreditava que nós podíamos dar esse passo.

E, para fazer uma reflexão, nós temos que voltar não há muito tempo, apenas há quatro anos, quando Kirchner, Nicanor e eu, em 2003, assumimos a Presidência da Argentina, Paraguai e Brasil. Depois, Tabaré, no Uruguai e, mais recentemente, Evo Morales, na Bolívia. E fazer reflexão significa lembrar que, quando tomamos posse, muito poucas pessoas acreditavam na continuidade do Mercosul. Muita gente entendia, nos nossos países, que era mais fácil voltar à velha tradição de privilegiar a relação com os Estados Unidos e com a União Européia e virar as costas a nós mesmos.

Todos vocês sabem que não foi fácil chegar aonde nós chegamos. Todos nós sabemos quantas barreiras tivemos que enfrentar, barreiras ideológicas, comerciais, incompreensões de todos os níveis. Hoje, estamos aqui para dizer ao mundo que não queremos briga com ninguém, somos da paz, que cada país vai manter as suas relações bilaterais com os Estados Unidos, com o Japão, com a Europa, com a China, com a Índia, mas que nós, antes de tudo, descobrimos que somos mais irmãos, mais próximos e mais parceiros que (inaudível) que qualquer outro país possa ser (inaudível).

Lembro que quando tomei posse, Chávez estava só. Lembro do que se comentava no Continente. E nós, todos nós, mesmo nas divergências, compreendemos que seremos muito mais fortes nas negociações internacionais, seja na ONU, para mudar o Conselho de Segurança, seja na



participação no Conselho de Segurança, na qual defendemos a participação da Venezuela, seja na Organização Mundial do Comércio, onde o G-20 mudou um pouco a geografia comercial do mundo. Ainda não conseguimos todos os resultados que queríamos, mas os ministros de Relações Exteriores, que vocês chamam tão bem de chanceleres, sabem que nenhum Ministro da América do Sul foi respeitado, historicamente, como vocês são respeitados hoje, em qualquer rodada de negócios.

Portanto, meus amigos Presidentes, eu talvez seja o mais otimista de todos, porque estamos concretizando a parte de um sonho, que ainda está longe do sonho que todos nós almejamos. Falta muito pouco. Eu queria chamar a atenção dos meus parceiros de que nós precisamos consolidar uma relação tão forte entre nossos povos que, mesmo que haja mudança de governo nos países, não mude a relação de Estado com Estado, porque essa é que vai permitir as conquistas que as nossas sociedades necessitam.

Não temos que temer as divergências, de vez em quando ficamos nervosos, de vez em quando somos provocados por uma pergunta de um jornalista, que nos deixa irritados. Às vezes, ela é feita no sentido de proporcionar uma reação que crie mais embaraço que solução.

Eu queria dizer aos meus companheiros: mesmo nos momentos em que tivermos mais divergências entre nós, mesmo nos momentos em que estivermos mais nervosos, tentando defender os interesses dos nossos povos, vamos dar um telefonema. Chávez disse que nem sempre eu atendo. Vamos conversar um pouco mais, porque muitas vezes uma pequena intriga promove uma confusão tão grande que uma intriga de um minuto pode levar um ano para a gente consertar.

Portanto, eu queria terminar dizendo a vocês que nós, Presidentes do Mercosul, mais a cumplicidade do Evo Morales e de outros que não estão aqui, precisamos dizer em alto e bom som, para quem quiser nos ouvir, todo santo dia: “nós não tememos e não temos medo da divergência. Nós tememos e



temos medo da omissão que durante muitos séculos prevaleceu no nosso Continente”.

Muito obrigado e boa sorte.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião de trabalho no DNIT**

**Sede DNIT, 07 de julho de 2006**

Bem, primeiro quero cumprimentar o nosso ministro Paulo Sérgio,

A nossa ministra Dilma,

O Miguel Masella, secretário-executivo do Ministério dos Transportes,

O Mário Barbosa, diretor-geral do DNIT,

O nosso general do Exército, Enzo Peri, chefe do Departamento de Engenharia,

Quero cumprimentar o Hideraldo Caron, diretor de Infra-Estrutura Rodoviário do DNIT,

E, sobretudo, cumprimentar os superintendentes do DNIT espalhados por este país afora.

Primeiro, deixa eu contar um pequeno caso aqui. Nós já tivemos oportunidade de conversar, no começo deste ano, depois eu visitei o Ministério dos Transportes, e agora estamos nos encontrando pela terceira vez.

Quando nós decidimos fazer essa operação, em janeiro de 2003, ou melhor, em janeiro de 2006, eu pensei que o Paulo Sérgio fosse lembrar, ele não lembrou, e eu faço questão de dizer aqui. Primeiro, os agradecimentos à orientação e, muitas vezes, ao comportamento fiscalizador da imprensa brasileira. Porque eu estava em casa, logo depois do primeiro dia do ano, quando eu vi uma reportagem mostrando um buraco, numa estrada, que não interessa ao estado. E, cada vez que eu chegava em casa, Paulo Sérgio, minha mulher falava: “oh, Lula, você viu o jornal, você viu o que está acontecendo nas estradas”? Aquilo foi me incomodando, até que nós fizemos uma reunião com o diretor-geral do DNIT, com o Paulo Sérgio, com o ministro



Alfredo, com o Hideraldo, a ministra Dilma, e decidimos priorizar a recuperação das estradas brasileiras. E que, enquanto a gente não tivesse recuperado, a gente não permitiria que os buracos continuassem atazanando a vida dos motoristas brasileiros, sobretudo num período em que as pessoas estavam de férias.

O que aconteceu é que, não sei quem foi que falou a palavra, mas um programa emergencial virou uma operação “tapa-buraco”. E todos vocês, que acompanharam a imprensa naquele momento, viram o quanto uns aplaudiam, outros criticavam, outros botavam fé, outros estavam céticos, ou seja, porque no Brasil, como em toda parte do mundo, há gosto para tudo. Tem uns que acreditam freneticamente, outros desacreditam freneticamente. Quando foi esta semana, eu pedi ao Paulo Sérgio para ir à Presidência da República, que eu queria saber como é que estava o nosso programa. Primeiro, porque a imprensa tinha parado de falar. Aí falei: “bom, então deve estar resolvido. Ou está resolvido, ou o carro do jornalista caiu num buraco, ou então ele não deu a notícia”. E foi com muito otimismo e com muita alegria que eu ouvi o relato do Paulo Sérgio e dos outros companheiros que estavam com ele na reunião, do sucesso do trabalho que vocês conseguiram realizar até agora.

A minha vinda ao DNIT, em primeiro lugar, é um reconhecimento de um órgão do Ministério dos Transportes que, durante muito tempo, foi tratado como órgão de segunda classe, desacreditado, difamado, onde nem os trabalhadores tinham motivação para trabalhar, e nem o governo reconhecia a função importante de alguém que exercia um cargo de gerente, da responsabilidade de um estado inteiro do Brasil.

Eu penso que, quando acontece ou se junta a fome e a vontade de comer, o resultado aparece se tiver comida. Nós tomamos aquela decisão porque ninguém mais, no Brasil, suportava as críticas, muitas delas verdadeiras, sobre a questão do transporte no país, coisas que vêm de muitos e muitos anos. Aliás, o Brasil é um dos poucos países que tem mais facilidade



de construir uma estrada nova do que depois fazer manutenção das estradas existentes. E as estradas existentes, se forem mantidas, a durabilidade delas é infinitamente maior, pode ser quase que infinito o tempo de duração dessas estradas, se a gente cuidar com um certo carinho.

Então, a minha vinda aqui é para isso, Paulo Sérgio. Primeiro, é para dar os parabéns ao Ministério dos Transportes. Eu não sei se poderia ter feito mais ou não, mas o dado concreto é que fez muita coisa. Segundo, agradecer ao pessoal do DNIT. A responsabilidade... eu me lembro da primeira conversa que eu tive com vocês que, se vocês fizessem a coisa correta, não era o governo que ia ter os méritos, eram vocês mesmos que iam ter os méritos. Porque vocês são seres humanos que têm orgulho pessoal, têm orgulho profissional, têm família e, quando aparecia na televisão uma crítica a uma estrada, e a mulher de vocês ou o filho de vocês sabia que vocês eram o chefe responsável por aquilo, no fundo, no fundo, pesava nas costas de vocês aquele descaso.

Bom, então, o que vocês provaram no dia de hoje? Que é possível fazer as coisas neste país, é possível, e o que mais me entusiasma é, agora, poder pedir para a imprensa, com o mesmo critério de rigidez que teve até agora, que está na hora... as estradas foram colocadas aqui, as BRs, os números das estradas nos estados... cada governo eleito vai receber isso aqui? É importante receber, para que eles possam ir atrás e fazer a fiscalização, e ver se o que vocês disseram está acontecendo mesmo. É extremamente importante porque, para nós, só tem sentido fazer as coisas se tiver resultado positivo para o conjunto da sociedade brasileira. Pela exposição que eu recebi aqui hoje, nós estamos constatando que valeu a pena receber desaforo pela operação tapa-buraco, valeram a pena as críticas que recebemos, valeram a pena também os elogios que nós recebemos mas, sobretudo, o que vale a pena é o resultado disso.

Eu queria pedir a vocês que não baixassem a guarda porque atingimos



os nossos objetivos até agora. É preciso que a gente cuide, e cada companheiro superintendente do DNIT cuide, com muito critério, para evitar que as estradas, no seu estado, voltem a ter a quantidade de buracos que tiveram há algum tempo, que tinham em dezembro de 2005. E depende só de vocês. O dinheiro está disponibilizado, os contratos estão feitos, aqueles que não estão feitos tem a licitação, o que precisa, agora, é vocês serem duros e exigentes na fiscalização.

Quero agradecer aos empresários que participaram desse processo, e eu sei que os empresários irão participar cada vez mais, na medida em que o governo disponibilize recursos, não faltarão empresários. De vez em quando nós temos problemas porque, no Brasil, de vez em quando tem uma confusão, as pessoas ganham uma licitação, as outras entram com uma liminar, derrubam aquela licitação e, às vezes, uma obra que poderia começar em janeiro, chega no meio de outubro, ela ainda não começou. Nós começamos a resolver essa briga, colocando o Exército brasileiro para fazer algumas coisas. Na BR-101 Nordeste, por conta de briga entre alguns setores empresariais, nós colocamos o Exército para fazer três trechos, e vamos colocá-lo na medida em que for necessário, para ver se a gente consegue moralizar um pouco essa disputa, e fazer com que as pessoas pensem um pouco no Brasil, e não apenas naquele pedaço de obra que eles vão construir.

De forma que eu quero agradecer a vocês, pedir para a imprensa continuar fiscalizando e indo às estradas que foram citadas aqui, nos trechos de Goiás e Minas Gerais, e que fosse atrás para saber o seguinte: foi feito ou não foi feito? Porque nós já estamos habituados, quando tem um buraco, aparece uma televisão, se não tiver buraco, não aparece uma televisão. E isso termina nos ajudando porque, se aparecer somente a boa, a gente acha que está tudo perfeito e pode ir se acomodar um pouco.

Então, eu acho que vocês não podem descansar. Agora, com o



processo de sinalização que está sendo feito, nós poderemos garantir que o motorista brasileiro, ainda este ano, irá transitar por estradas de melhor qualidade e estradas muito mais seguras do que ele transitou até agora, porque um governo que não faz faixa, não sinaliza, possivelmente tem um governante que nunca dirigiu em uma estrada à noite, em dia de chuva, sem sinalização. Se ele andar 15 quilômetros, ele vai perceber que a sinalização é 50% da segurança que a gente precisa para poder dirigir neste país.

Como grande parte da carga brasileira ainda é feita por transporte rodoviário, o que nós estamos fazendo é apenas facilitando e barateando o custo dos produtos que nós transportamos no país. Eu pensei, Paulo Sérgio, que você iria fazer uma apresentação, também, do conjunto do Ministério dos Transportes, da questão das ferrovias, o que está acontecendo com as ferrovias brasileiras, o que está acontecendo com os nossos portos porque, no fundo, no fundo, tudo isso está ligado ao Ministério dos Transportes. Se não foi possível desta vez, você faça em uma outra vez.

Agora, eu queria fazer aqui um agradecimento especial – a vocês eu já fiz – à ministra Dilma Rousseff, porque a ministra Dilma, em nome da Presidência, vira uma espécie de, como é que se fala, gerente do conjunto dos projetos que nós estamos fazendo. Na verdade, é o seguinte: se não tiver alguém gerenciando, para cobrar todos os dias, a coisa não anda corretamente. Nós estamos chegando em um momento, daqui a pouco tem chuva outra vez, não é isso? Daqui a pouco começam a aparecer os buracos, e vocês vão ser testados, se onde vocês fizeram o conserto, vai ter buraco. É importante vocês todos fiquem alertas, porque isso não passará despercebido quando a chuva começar a aumentar neste país, do meio de setembro até o final do ano.

Portanto, querido Paulo Sérgio, muito obrigado pelo trabalho feito até agora. Eu sei que, no Brasil, é muito difícil as pessoas agradecerem, no Brasil





as pessoas estão perdendo o hábito de agradecer, apenas de cobrar, e eu quero dizer para vocês, primeiro, o orgulho do DNIT provar que é uma instituição em que vale a pena apostar. Porque, no Brasil, nós também temos o hábito de, quando uma coisa não dá certo, a primeira coisa que a gente faz é desacreditar a instituição. Em nome disso já se fechou muita coisa, em nome disso já se acabou com uma enormidade de instituições no Brasil que, se não funcionavam bem, não era por causa da instituição, era por causa da pessoa que a dirigia, que era mais fácil ser trocada.

Eu disse, na primeira reunião, o Paulo Sérgio sabe, os companheiros do DNIT sabem, eu disse o seguinte: a fama de vocês não é boa na praça, e disse aquilo como companheiro, porque se tem uma coisa de que eu tenho clareza, é que o mandato de um prefeito, de um governador, de um presidente é uma coisa passageira, tem o tempo para entrar e tem o tempo para sair. O cargo de vocês tem tempo para entrar, tem tempo para sair porque tem alguém que tira. Agora, alguns são concursados, vão continuar sendo funcionários do Estado brasileiro e vão continuar fazendo serviço aqui ou ali. Então, é melhor tê-los mais preparados, mais motivados, mais remunerados e, de vez em quando, lembrar que eles são seres humanos e que precisam ser agradecidos pelo que fizeram, para a gente poder adquirir autoridade de criticá-los quando não fizerem as coisas. É assim que a gente consegue criar um ambiente saudável dentro da máquina do Estado brasileiro.

Então, eu estou aqui para isso. Para dizer parabéns a você, Paulo Sérgio. E eu vou ficar vigilante porque, eu não, mas a Dilma, certamente, todo mês estará cobrando de vocês.

Eu fui visitar um trecho da BR, aqui de Goiás, das Sete Curvas. Quando é que termina? É uma obra importante. Muitas vezes, eu andei por estados e muitos governadores diziam: “eu vou fazer parcerias, você dá metade, que eu dou metade e fazemos”. Nós entramos na parceria, demos a nossa metade e a



outra metade, nós também damos, porque na hora de colocar os recursos... Mas também não tem problema, porque a gente assume isso.

Gente, vocês estão percebendo que eu estou com a mão no pescoço toda hora, embora eu não tenha jogado a Copa do Mundo, eu estou com o pescoço duro de olhar para o gol, para ver se a gente ia marcar o gol, e não marcamos, e eu fiquei com o pescoço meio duro.

Então, eu quero agradecer. Quero agradecer ao Ministério dos Transportes, quero agradecer ao Exército brasileiro pelo compromisso que tem assumido conosco, quero agradecer aos companheiros do DNIT, quero agradecer, enfim, a todo mundo que dedicou o seu tempo para que a gente pudesse tornar realidade uma operação que começou sendo, muitas vezes, tratada com chacota.

Muito obrigado a vocês, gente! Obrigado, Paulo Sérgio.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita do presidente de Gana, John Agyekum Kufuor**

**Palácio do Planalto, 10 de julho de 2006**

Meu caro amigo Kufuor, presidente da República de Gana,  
Senhores ministros de Estado de Gana e do Brasil,  
Senhores integrantes das delegações de Gana e do Brasil,  
Meus amigos e minhas amigas,

O Brasil se sente honrado em poder receber o Presidente de Gana no Brasil. Para mim, esta é a oportunidade de retribuir ao amigo Kufuor a calorosa hospitalidade que o povo ganense me dispensou quando visitei seu país, no ano passado.

Recordo, com especial emoção, a cerimônia da qual participei com a comunidade Tabom. Foi um momento de reencontro com parte importante da identidade de meu país. Vamos restaurar a Casa do Brasil, o primeiro prédio ocupado por essa comunidade de ex-escravos que, mesmo retornando a Gana, sempre cultivaram suas raízes brasileiras. Essa obra será símbolo da renovada aliança entre ganenses e brasileiros.

Caro presidente Kufuor,

Nossa cooperação bilateral terá seu foco central na área agrícola. Por sua importância na luta contra a fome e a pobreza, decidimos estabelecer, em Acra, o primeiro escritório na África da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, a Embrapa.

A parceria com a Embrapa também visa outro campo de importância estratégica para nossos países: as alternativas energéticas. O combustível do futuro será baseado em fontes limpas e renováveis. Ele já existe e tem nomes: etanol, biodiesel e H-Bio. Esse projeto tem forte impacto social, cria renda e



fixa o homem na terra. Beneficia países com limitadas oportunidades de geração de empregos e de exportações. Contribui para reduzir a emissão de gases poluentes, ao mesmo tempo em que diminui a dependência de combustíveis fósseis importados. É essa a promessa do Memorando de Entendimento assinado entre a Embrapa e o Conselho para a Pesquisa Científica e Industrial de Gana.

O Brasil compartilha a determinação de Gana em superar a brecha digital que nos separa dos países desenvolvidos. Por isso, vamos reforçar a colaboração brasileira com o Centro Kofi Annan de Excelência em Tecnologia da Informação e da Comunicação.

Nossa parceria tem também uma importante dimensão comercial. Gana é um dos principais destinos para exportações brasileiras na África. Apenas no ano de 2005, elas cresceram 30%. Para que nossas relações econômicas possam continuar a ampliar-se, vamos diversificar a presença de produtos ganenses no mercado brasileiro e estimular investimentos brasileiros em Gana. A presença de empresários na sua comitiva permite avançar nessa direção.

Senhoras e senhores,

A parceria entre Gana e Brasil também se expressa na esfera internacional. O mundo mais livre e justo que queremos requer maior democratização das relações multilaterais. Somente assim os países em desenvolvimento terão voz e peso efetivos nas decisões que afetam toda a comunidade de nações.

Não podemos ser vítimas da reticência de uns poucos nem da inércia de outros. Gana tem levado ao continente africano essa mensagem em favor da importância de reformarmos a ONU e seu Conselho de Segurança. Somos especialmente agradecidos ao apoio de seu país ao pleito brasileiro de ocupar um dos assentos permanentes em um Conselho ampliado.

Caro Presidente e amigo,



Amanhã teremos a oportunidade de estarmos novamente juntos, em Salvador, cidade que simboliza a vitalidade do Brasil negro. Um Brasil que se orgulha da contribuição africana para a formação da rica diversidade brasileira.

Desde o início do meu governo, tenho buscado valorizar o papel da diáspora africana no nascimento do Brasil moderno. Elaboramos políticas específicas de promoção da igualdade racial e de inserção cidadã de brasileiros há séculos vitimados pela opressão e pelo preconceito.

Porque temos uma dívida histórica com a África, aceitei com grande satisfação o convite do governo do Senegal para sediar, no Brasil, a II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora. Vamos transformar o potencial de nossos laços históricos de fraternidade em ações concretas que beneficiem nossos povos e estreitem nossos vínculos neste novo milênio. Seu temário não poderia ser mais apropriado: a contribuição dessa comunidade para o renascimento do continente africano.

Meu governo sempre apostou na África. Isso demonstramos em palavras e atos. Sempre confiei nos ventos de renovação política que estão assentando as bases para um novo ciclo de estabilidade e desenvolvimento nesse continente irmão.

O lançamento da Nova Parceria Econômica para o Desenvolvimento da África, a NEPAD, expressa essa determinação em superar décadas de estagnação econômica e retrocesso social. Ao mesmo tempo, a União Africana, com a participação ativa de Gana, vem combatendo a instabilidade política e militar que por longos anos frustrou as expectativas de desenvolvimento do continente.

Gana vem escrevendo há décadas uma página fundamental dessa saga. A luta heróica de Kuame Nkrumah contra o colonialismo, pelo direito da África de dirigir seus próprios destinos, entusiasmou o continente e o mundo. Não foram poucos os brasileiros que se miraram em seu exemplo.



Hoje, Gana volta a mostrar liderança e visão. É um exemplo de estabilidade política e institucional, assentada sobre uma economia que se moderniza com responsabilidade fiscal e social.

Convoco os países desenvolvidos e as instituições financeiras internacionais a apoiarem mais firmemente esse exemplo. A caminhada de Gana rumo ao desenvolvimento sustentável é importante não apenas para a consolidação definitiva da democracia no país. É decisiva também para que Gana possa continuar a inspirar a renascença do continente africano.

Gana e África podem contar com o Brasil nessa empreitada.

Muito obrigado, meu caro Presidente.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no jantar em homenagem aos chefes de Estado e de Governo e vice-presidentes participantes da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora**

**Salvador-BA, 11 de julho de 2006**

Senhores chefes de Estado e de Governo e vice-presidentes participantes da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora,

Senhor Paulo Souto, governador do estado da Bahia,

Senhora Isabel Souto,

Senhores ministros,

Senhoras ministras e secretárias especiais do meu governo,

Senhoras e senhores embaixadores,

Nossa querida Virgínia Rodrigues,

Nosso querido Stevie Wonder,

Senhores integrantes das delegações estrangeiras,

Senhoras e senhores,

Que minhas primeiras palavras sejam de boas-vindas a Salvador. Sintam-se em casa, nesta bela cidade, primeira capital do Brasil e onde nossa história africana deixou marcas profundas. Em suas danças e cantos os senhores sentirão os ritmos africanos que marcam a musicalidade brasileira. Nos trajés típicos e até mesmo nos traçados das ruas e das casas, enxergarão cores e formas da África. Nas nossas manifestações populares e religiosas intuirão a força dos ritos africanos. Em nossas comidas e linguagem perceberão sabores africanos. Acima de tudo, reconhecerão na alegria e na hospitalidade de nossa gente baiana a vivacidade da alma africana.

Senhores Presidentes,

Meu governo aceitou, com muita honra, o convite para ser a sede da



segunda edição desta Conferência. Este fórum de diálogo entre os países africanos e as comunidades de afrodescendentes no mundo faz parte de uma corrente indispensável de descoberta mútua.

Quero felicitar meu caro amigo, presidente Wade, por haver lançado, na I Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora a semente deste intercâmbio de experiências entre os intelectuais africanos e a diáspora. Na melhor tradição do Senegal, estamos contribuindo para difundir e fortalecer a cultura africana no mundo.

Saúdo, também, o presidente da Comissão da União Africana, Alpha Konare, como co-responsável pela organização deste evento. Sob sua liderança, a União Africana vem promovendo a paz na África e o bem-estar de seus povos.

Temos, hoje, o desafio de identificar formas de apoio recíproco e maneira de valorizar a cultura africana, em um mundo que se globaliza. O Brasil está empenhado nessa missão.

Durante os últimos três anos e meio, visitei 17 países da África e reforcei a presença diplomática do Brasil no Continente. Ampliamos e aprofundamos nossos programas de cooperação em setores, como saúde, agricultura e educação, de particular interesse social.

Um profundo sentimento de identidade e de solidariedade liga os brasileiros aos povos africanos. É forte, entre nós, a consciência da contribuição que a África deu ao Brasil. Queremos, portanto, ajudar na realização das enormes potencialidades desse Continente.

Senhores Presidentes,

O Brasil não é apenas um país da diáspora africana. O Brasil é, também, um país africano, a segunda maior Nação negra do mundo. A presença de importantes líderes africanos e da Diáspora confere especial significado a esta segunda Conferência. Contamos com sua contribuição para traduzir nossa





herança histórica comum em um movimento em direção a um futuro de prosperidade, paz e democracia para esta e futuras gerações de africanos.

Convido todos a brindar pelo êxito da CIAD e pela permanente amizade e cooperação entre nossas nações.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora (II CIAD) Salvador-BA, 12 de julho de 2006**

Excelentíssimos senhores chefes de Estado e de governos e vice-presidentes participantes da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora,

Senhor Paulo Souto, governador do estado da Bahia,

Senhores ministros de Estado e secretarias especiais,

Embaixadores aqui presentes,

Senhores integrantes das delegações estrangeiras presentes a este ato,

Intelectuais do Continente Africano, do Brasil e de outros países,

Meus amigos e minhas amigas,

Com forte emoção venho a Salvador abrir a Segunda Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora.

Quero transmitir minhas boas-vindas e sinceros agradecimentos aos destacados intelectuais e representantes da sociedade civil que vieram a Salvador, da África, das Américas e do Brasil.

Não poderíamos estar em lugar mais auspicioso para conversar sobre o futuro da África e o papel que nele terá a diáspora. A Bahia é símbolo vivo das múltiplas dimensões da contribuição africana para o Brasil.

É uma particular honra termos conosco importantes líderes do continente irmão. Suas presenças demonstram que os temas que vamos discutir ganharam definitivamente a prioridade que merecem na consciência e na agenda de nossos países.

Destaco a presença de Alpha Konaré, presidente da Comissão da União Africana, co-organizadora do evento. Seu empenho foi fundamental para tornar



realidade esta Conferência.

Estamos dando continuidade ao esforço pioneiro da primeira conferência, em Dacar, em 2004, que muito deve à visão do meu colega e amigo, presidente Wade, que inspirou a nossa decisão de sediar este evento.

Vimos a Salvador consolidar um diálogo permanente entre a África e as regiões onde sua gente e civilização deitaram raízes. Esse debate é fundamental, pois aborda os desafios que nos unem.

Temos que superar uma herança histórica de pobreza, discriminação racial e exclusão social, em meio a uma sociedade internacional com déficit de democracia e de solidariedade. Os intelectuais e a sociedade civil da África e da Diáspora são protagonistas dessa tarefa.

O denso programa de trabalho e os grupos temáticos são garantia de que teremos um intercâmbio estimulante não apenas para os estudiosos. Também formuladores de políticas públicas, nos dois lados do Atlântico, encontrarão nessas discussões inspiração para melhor identificar problemas e a propor soluções.

Desejo, portanto, a todos, meus colegas presidentes, vice-presidentes, primeiros-ministros e a todos os convidados, muito bom trabalho nestes dias que vocês estarão em Salvador. Está aberta a nossa II Conferência.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do encerramento da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora**

**Salvador-BA, 12 de julho de 2006**

Senhores Presidentes,  
Senhora Primeira-ministra,  
Senhor Vice-presidente,  
Governador da Bahia,  
Prefeito de Salvador,  
Ministros do meu governo, aqui presentes,  
Secretários de Estado,  
Intelectuais,

Senhoras e senhores participantes da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora,

Eu não poderia começar as minhas palavras sem agradecer a presença de todos vocês aqui, sobretudo a presença dos presidentes que aceitaram o nosso convite, e a paciência de todos vocês, aí no Plenário, porque com o meu, já será o décimo quinto discurso que vocês ouvirão antes do almoço. Um conjunto de intelectuais e de autoridades que tem essa extraordinária paciência, certamente terão possibilidade de enfrentar tantos outros problemas que teremos pela frente.

Eu queria até pedir desculpas ao meu intérprete, que deve estar com o meu discurso por escrito, mas o meu discurso vai ser uma repetição daquilo que foi dito aqui e eu gostaria de dizer algumas palavras, muito mais do sentimento que eu tenho, um pouco do coração e um pouco da razão. Eu tomei posse na Presidência do Brasil no dia primeiro de janeiro de 2003, e tomei a



decisão de que o Brasil precisaria fazer uma inflexão na sua política internacional. O Brasil precisaria ter os olhos para a América do Sul e a América Latina e, ao mesmo tempo, ter outro olho para o continente africano. No início, parecia absurdo porque estavam acostumados, aqui no meu país, a uma política prioritária e quase única, de relação com os Estados Unidos e com a União Européia.

E eu mesmo tinha uma experiência, quando dirigente sindical, eu nunca tinha sido convidado para um debate na América do Sul e nunca tinha sido convidado para um debate no continente africano. Entretanto, dezenas de vezes eu fui convidado à Europa e dezenas de vezes eu fui convidado aos Estados Unidos, e eu percebi que quem determinava a relação não era o país colonizado, era o colonizador. Embora tivéssemos deixado de ser colônia, embora tivéssemos conquistado a nossa independência, do ponto de vista econômico e financeiro, do ponto de vista cultural e do ponto de vista comercial, havia uma certa subordinação.

Passados três anos, eu visitei 17 países africanos, todos da América do Sul e recebi, no Brasil, 15 presidentes de países africanos. Com a presença de vocês, aqui, chegamos a 22 países. Visitei sete países do Oriente Médio, China e Índia, sem menosprezar a importância da nossa relação com os Estados Unidos e sem menosprezar a nossa relação com a União Européia, apenas estabelecendo uma tese de que era preciso mudar a geografia política e comercial do mundo. A geografia do mundo não poderia continuar dependendo dos mesmos que a dominaram no século XX, era preciso uma nova esperança no século XXI.

Lembro de quanto fomos criticados, não faltou editoriais, não faltou articulista criticando a opção equivocada do Brasil por um continente que não tinha muito a oferecer. Porque, na cabeça de alguns, a relação é quase que mecânica, do ponto de vista dos interesses econômicos, e a nossa relação tem que ter um componente chamado solidariedade, chamado parceria e chamado



até gratidão, porque a África tem a ver muito com o que nós somos, muito. O jeito do brasileiro é a mistura mais extraordinária que a raça humana produziu, é uma mistura de negros, de índios e de europeus. E que permitiu que nos transformássemos num povo miscigenado, num povo alegre, num povo amigo, e vocês vão sentir isso aqui na cidade de Salvador, que é a cara mais negra de todas as cidades brasileiras e de todos os estados brasileiros.

O que aconteceu nesses quatro anos? A relação comercial entre Brasil e países africanos significa, hoje, 12 bilhões e meio de dólares. A relação com a América do Sul e América Latina é maior do que a relação com os Estados Unidos e com a União Européia, numa demonstração de que o Oceano Atlântico não pode ser o obstáculo para nós no século XXI, quando ele não foi para os colonizadores no século XVIII, no século XVII, no século XVI. Os portugueses saíam de Lisboa e iam para a Índia, dando a volta no continente africano; os franceses ocuparam os países da África; os ingleses ocuparam os países da África e tudo porque o Oceano Atlântico era o que facilitava a chegada dos colonizadores. Nós, no século XXI, e essa é uma contribuição extraordinária que os intelectuais podem dar, precisamos pensar o que nós queremos para o continente africano, o que nós queremos de integração para os países do Sul, para os países do terceiro mundo, no século XXI nos próximos 30 anos ou nos próximos 20 anos. Não existe saída voluntarista. O voluntarismo resolve o problema de uma assembléia, mas não resolve o problema da relação entre os Estados, não resolve o problema do atraso secular a que fomos submetidos, daí aumenta a nossa responsabilidade, saber que passos poderemos dar na nossa política de integração, na recuperação dos séculos em que o continente africano foi obrigado a sofrer o atraso de que é vítima hoje.

Esse é o desafio para os intelectuais, esse é o desafio para que nós aprendamos a criar organismos multilaterais que dêem durabilidade às políticas que os governos fazem, porque nós temos mandatos com tempo determinado,



e cada um que entra pode ter uma prioridade e uma política começada em um ano pode não ser seguida no ano seguinte. Então, é preciso que tenha organismos multilaterais fortes e respeitados para que as coisas possam acontecer de verdade. O Conselho de Segurança da ONU, nós não podemos admitir que a ONU continue, no século XXI, em 2006, com a mesma organização que tinha quando foi criada há 60 anos. A geografia política mudou, a geografia econômica está mudando, os países mudaram, olhamos o mapa-múndi e percebemos que vários países não existem mais. Então, por que continuar com a mesma organização, não termos coragem de democratizá-la e fazer com que o continente africano esteja, verdadeiramente, representado, que a América Latina esteja representada? E que outros países estejam representados.

Agora, estamos num conflito na Organização Mundial do Comércio e a briga é a mesma de sempre: os países ricos estarão dispostos a fazer concessões para que os países pobres possam ter acesso a seus mercados? Haverá sensibilidade da União Europeia em permitir o acesso ao seu mercado agrícola? Haverá sensibilidade dos Estados Unidos para reduzir os subsídios agrícolas? Haverá sensibilidade nossa, do Brasil e do G-20, que muitos de nós participamos, para permitir o acesso a bens industriais? Se nós não tivermos sensibilidade para negociar e para fazer as concessões de acordo com a proporcionalidade do nosso tamanho e da nossa riqueza, não haverá acordo e quem é rico continuará mais rico, e quem é pobre vai continuar mais pobre.

Essa é a lógica perversa do comércio mundial, por isso estou indo a São Petersburgo na próxima semana. Lá estará o presidente do Congo, se não me falha a memória, da Índia, da China, do México e o G-8, onde nós vamos tentar introduzir o compromisso dos líderes políticos para tentar fazer um acordo. A minha tese é de que os negociadores já esgotaram a possibilidade de acordo. Agora chegou o momento dos líderes políticos dizerem “queremos ou não queremos um mundo mais justo, queremos ou não queremos um mundo mais



solidário, queremos ou não queremos diminuir o terrorismo, queremos ou não queremos um mundo com menos mortalidade infantil, com menos doenças, com menos desemprego e com menos fome”.

Esse é o desafio que está colocado para nós e que não é responsabilidade dos países africanos, não é, tampouco, responsabilidade do Brasil, é uma responsabilidade de 6 bilhões de seres humanos que habitam o planeta Terra. E precisamos assumir a responsabilidade e não permitir que a globalização de hoje ou o modelo de desenvolvimento de hoje permita que os países pobres sejam tratados da mesma forma que foram tratados na época da colonização. Os colonizadores chegavam prometendo progresso, chegavam prometendo desenvolvimento e, quando vocês conquistaram a independência, vocês constataram que, do ponto de vista das riquezas naturais, os países estavam mais pobres, tinham sido dilapidados. Parece que ninguém, hoje, tem responsabilidade, parece que não aconteceu nada, a África é pobre porque é um continente negro, a África é pobre porque não tem escola, a África é pobre porque não tem desenvolvimento e ninguém assume a responsabilidade de dizer que a África é pobre porque, durante mais de 300 anos, as mulheres, as crianças e os jovens eram transformados em escravos para construir algumas das nações que são ricas hoje.

E todos nós temos dívida a pagar. Aqui, no Brasil, criamos a Secretaria Especial da Igualdade Racial, com o papel de ministro de Estado, para criar as possibilidades de termos alguns avanços, o que, muitas vezes, não acontece com a facilidade que gostaríamos que acontecesse, porque os marcos legais existentes no país... às vezes demora muito para que as coisas aconteçam. Temos, no Congresso, um debate sobre o estatuto da igualdade racial. Tem uma polêmica, mas é como dizia o nosso querido Abdias, a possibilidade de polemizar sobre essas questões não é uma coisa ruim, é uma conquista que os negros tiveram no nosso país. Temos as cotas nas universidades, que tem debates e mais debates. O dado concreto é que criamos o ProUni, e no ProUni,





de 203 mil alunos que ganharam bolsa de estudo, 63 mil são afrodescendentes que conquistaram o direito de entrar na universidade em apenas 14 meses de implantação do Programa. Certamente eu tenho consciência, e os presidentes aqui também, e os intelectuais muito mais, de que não iremos, numa década ou em duas décadas, resolver os problemas que nos foram criados durante tantos e tantos séculos. A única coisa que eu posso dizer para vocês é que o Brasil vai continuar tendo uma forte prioridade na sua relação com o continente Africano.

Lamentavelmente somos um país pobre e não temos todos o recursos para que a gente possa fazer o que pretendemos fazer. Ontem, eu estive com dois presidentes, tinha estado antes de ontem com o presidente de Gana, hoje vou estar com outros presidentes, estive com o presidente da União Africana, e eu tenho dito para eles: este século pode ser nosso. O século XIX foi da Europa, o século XX foi dos Estados Unidos e também uma parte da Europa. Por que nós, que somos chamados de Terceiro Mundo, que moramos no continente Africano e na América Latina, por que nós vamos deixar passar a oportunidade de aproveitar o século XXI para definir o que nós queremos? E tenho dito aos presidentes: o Brasil, neste momento, tem uma extraordinária experiência na produção de biodiesel, é o país que tem a mais importante tecnologia na produção de etanol, é o país que tem hoje a patente de um novo combustível chamado H-Bio, que é a mistura do óleo vegetal diretamente no petróleo e refinado diretamente na refinaria.

Meus caros presidentes,

Eu tenho dito aqui, no Brasil, que, logo, logo, nós não estaremos mais prospectando petróleo a quatro mil metros de profundidade. Eu tenho dito que, daqui a alguns dias, nós vamos estar plantando petróleo. E esse programa de combustíveis renováveis pode ser o pilar do continente africano no século XXI. Nós plantamos mamona, nós plantamos girassol, nós plantamos a palma africana, nós plantamos o algodão, nós plantamos a soja, de todos esses



produtos nós poderemos produzir o combustível que nós precisamos e não ficar dependente de comprar petróleo a um preço. E os países pobres nunca podem dizer quanto podem pagar, têm que pagar o que os produtores de petróleo acham que vale.

Ao mesmo tempo, nós temos que acreditar fortemente - o continente africano, uma parte do Brasil e de outros países da América precisam acreditar que somente com muito investimento em educação é que a gente vai conseguir dar o salto de qualidade que nós precisamos dar. Eu, aqui no Brasil, presidente Wade, tenho dito que, cada centavo que nós não tivermos coragem de investir na educação, nós teremos que investir na doença, teremos que investir em cadeia, porque sem educação, sem emprego e sem oportunidade, é disso que as pessoas pobres terminam sendo vítimas. Nós precisamos de paz, nós precisamos de democracia, e democracia não é um meio valor. Democracia é, definitivamente, aquilo que pode garantir aos países de terceiro mundo o seu desenvolvimento, sem sermos pegos de surpresa por golpes, por derrubadas de governo, como muitas vezes acontece nos nossos países.

Quero terminar dizendo a vocês que, quando estamos discutindo conceitos, poderemos ter muita divergência, e é importante que as divergências perdurem mas, ao mesmo tempo, precisamos discutir as coisas práticas, que podem melhorar a vida do povo de cada país africano, do Brasil, da América Latina e dos países pobres. Nós não temos que ter medo de fazer a discussão. Nós não temos que ter medo de sermos ousados, precisamos ir definindo, a cada dia, como aumentar a nossa relação, como os países menos pobres podem ajudar os mais pobres e como os mais ricos podem ajudar os países pobres. Não esperemos sensibilidade, temos que ter ação política e temos que ter projeto, porque tudo o que um país rico gosta é de fazer um pequeno favor e, depois, dizer que está ajudando.

É preciso política consistente. E essa política consistente não pode vir de cima para baixo, ela tem que sair do continente africano para que o resto do



mundo saiba os projetos que são de cada país e que são de interesse do povo africano. Se nós não fizermos isso, nós estaremos cometendo um erro histórico, que pode nos causar prejuízo, tanto como foi a tragédia da escravidão. Nós não podemos passar mais 40, 50 anos no atraso a que estamos submetidos.

Então, é preciso que tenhamos coragem de ousar, tenhamos coragem de brigar nos fóruns multilaterais e vamos tomar uma ação que, quem sabe, possamos aperfeiçoá-la no dia 30 de novembro, quando haverá, na Nigéria, o Encontro Continente Africano-Continente Sul-americano. Possivelmente os presidentes nunca se encontraram, possivelmente muitos de vocês nunca foram aos países da América do Sul e muito presidente da América do Sul nunca foi à África, mas certamente todos nós já fomos à Europa mais de uma vez e já fomos aos Estados Unidos mais de uma vez.

Então, nós precisamos nos ajudar, nós precisamos criar política de solidariedade entre nós mesmos. Eu, desde pequeno, ouço dizer, e aqui na Bahia deve valer muito, Governador, que a gente vai à casa de um pobre, e a qualquer hora da noite ou do dia em que a gente chegar, o pobre tem uma coisa para nos oferecer. A gente chega na casa de uma pessoa mais abastada, se já jantou, não tem mais. E a gente ouve as mulheres pobres da periferia dizerem “onde come um, comem dez, onde dorme um, dormem dez”. Portanto, ao invés de ficarmos esperando que outros venham nos ajudar, vamos definir que tipo de ajuda nós mesmos poderemos fazer entre nós para nos tornarmos mais fortes e para podermos exigir um pouco mais dos outros. Nós temos o direito de fazer tudo. A única coisa que nós não temos o direito é de, no século XXI continuar, nos omitindo de discutir os grandes problemas que vivem os países pobres do Planeta.

Muito obrigado pela presença de vocês, muito obrigado a todos vocês e bom Encontro.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no  
“Evento comemorativo de Um ano para os Jogos Pan-Americanos e  
lançamento da Mascote”**

**Rio de Janeiro-RJ, 13 de julho de 2006**

Excelentíssima senhora Rosinha Garotinho, governadora do estado do  
Rio de Janeiro,

Meu caro Orlando Silva de Jesus Júnior, ministro do Esporte,

Meu caro general Jorge Armando Félix, ministro-chefe do Gabinete de  
Segurança Institucional da Presidência da República,

Prefeito em exercício do Rio de Janeiro,

Minha companheira Marisa,

Meu companheiro Agnelo Queiroz, ex-ministro do Esporte,

Meu caro, permita-me chamá-lo de Nuzman,

Quero cumprimentar os representantes das delegações dos estados  
brasileiros, das federações esportivas,

Os atletas aqui presentes,

Os jornalistas,

E todos aqueles que estão envolvidos, direta ou indiretamente, com os  
Jogos Pan-Americanos de 2007,

Quero dizer a vocês que nós estamos apenas começando uma nova era  
na área do esporte brasileiro. O Brasil, de uma vez por todas, tem que assumir  
a responsabilidade de que o esporte de um país não pode ser o resultado do  
esforço individual de um atleta ou o resultado individual de um clube, qualquer  
que seja a prática esportiva. O Estado brasileiro tem que ter uma política de  
esporte que permita, desde a infância até quando a pessoa se forma adulta, a  
oportunidade para que possa praticar esporte.



É por isso que, juntos, mandamos para o Congresso Nacional a Lei do Incentivo ao Esporte e esperamos que ela seja aprovada. É por isso que mandamos a lei criando a Time-mania, porque também os clubes esportivos, no Brasil, não são de responsabilidade apenas dos seus dirigentes, porque fazem parte da cultura brasileira.

E eis que depois de 43 anos voltam para o Brasil os Jogos Pan-Americanos. Possivelmente, grande parte de vocês nem tinha nascido ainda quando, na cidade de São Paulo, o Brasil teve os Jogos Pan-Americanos, em 1963.

O que é lamentável, Nuzman, é que no Brasil fica o esporte dependendo do esforço individual de cada atleta. São raríssimos os momentos em que o Estado brasileiro acreditou que ele tem que ter a obrigação de garantir que o esporte se transforme numa política nacional.

Eu estou feliz porque estou vendo os Jogos Pan-Americanos aí, daqui a um ano, com a responsabilidade da prefeitura, do governo do estado, do governo federal. O Rio de Janeiro vai ter a melhor segurança que já teve, em todo o momento e, depois do Pan, ficará no Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro terá uma Vila Olímpica invejável a qualquer Vila Olímpica criada em quaisquer jogos olímpicos do mundo.

Eu tive a oportunidade de visitar os apartamentos, que são de extraordinária qualidade. Certamente, os jogadores que vierem para cá, que já participaram de uma Olimpíada, vão perceber que a nossa qualidade é infinitamente superior a qualquer outra Vila Olímpica que ele já freqüentou e morou. Vamos ter as praças esportivas, as piscinas, as pistas da melhor qualidade. E por uma razão. Na verdade, eu acho que o Nuzman, os atletas e o povo brasileiro já dão, de barato, que o Pan-Americano está consagrado. Não pela quantidade de medalhas apenas que pretendemos ganhar, porque desta vez os nossos atletas virão mais preparados, algumas empresas públicas



colocaram dinheiro para investir antes de eles se transformarem em atletas famosos, as pessoas virão mais preparadas.

Mas nós estamos de olho, mesmo, é em tentar fazer duas coisas acontecerem no Brasil. Uma delas é tentar trazer a Copa do Mundo de 2014 para o Brasil. Não é possível que um país que tem e representa o futebol como o Brasil representa – a nossa última Copa do Mundo e a primeira foi em 1950, não de boa recordação, porque perdemos – depois de 56 anos, está na hora de o mundo esportivo perceber que o Brasil merece uma nova chance.

Mas uma outra coisa, Nuzman, nós precisamos sonhar, acreditar, ousar e trabalhar. Na última disputa para a realização das Olimpíadas, ganhou Londres. Disputava Madrid, disputava Paris, ou seja, na América do Sul e na América Latina nunca houve uma Olimpíada, normalmente ela se dá no mundo desenvolvido, no mundo rico. E nós queremos, com a realização dos Jogos Pan-Americanos no Brasil, com a ajuda da Confederação latino-americana, nós queremos provar que o Brasil pode fazer igual ou melhor que qualquer país rico do mundo já fez. E nós vamos começar com o Pan, que é menor, mas vamos mostrar que mesmo o Pan, sendo um momento esportivo menor do que uma Olimpíada, nós vamos provar que temos competência de fazer o melhor Pan-Americano já realizado em qualquer momento, desde que ele foi criado.

Eu dizia ao Nuzman que isso cabe ao Ministro dos Esportes, cabe à Governadora, cabe ao Prefeito, cabe a mim e cabe a todos vocês que estão interessados no Pan-Americano. E nós precisamos, a partir de agora, a partir de agora temos só um ano, um ano parece longe, mas daqui a pouco nós estaremos percebendo que os atletas estarão desembarcando aqui. E eu disse ao Nuzman: é preciso que nós façamos uma operação de fiscalização de lupa, é preciso que a gente fiscalize diariamente o que está faltando, o que não foi feito, porque não terá efeito negativo maior para o Brasil do que chegar perto da data da realização do Pan-Americano e a gente descobrir que alguma coisa não foi feita. E aí, o Prefeito culpa a Governadora, a Governadora culpa o



Presidente, o Presidente culpa a Governadora, a Governadora culpa o Prefeito. Nós temos que nos dotar da responsabilidade de entender que quem tem que ganhar os Jogos Pan-Americanos são os 180 milhões de brasileiros, é o nosso país, a cidade do Rio de Janeiro, é o estado do Rio de Janeiro. Por isso é que a qualidade tem que ser total.

E eu quero dizer aqui, de público, e repetir uma coisa que disse à Governadora. Nuzman, o Ministro dos Esportes que tem, da nossa parte, a responsabilidade de cuidar, eu disse a ele que tem que ter um representante, um responsável do Ministério do Esporte acompanhando isso todo santo dia, para que a gente possa, quando terminar o Pan-Americano, todos os atletas, toda a imprensa sair daqui dizendo: o Brasil pode até ser um país pobre, ainda, o Brasil pode até ter problemas sociais mas, em se tratando de esporte, o Brasil não deve e não perde para ninguém, sobretudo em competência na realização de um evento dessa magnitude. Eu tenho, Nuzman, que parte da responsabilidade da organização está nas mãos do Comitê. Esse Comitê tem que saber que não é mais “um Pan-Americano”, é “o Pan-Americano”. Da extraordinária grandeza da realização desse Pan-Americano estarão se abrindo as portas para que a gente possa sonhar mais alto e trazer eventos que até agora são feitos apenas no Primeiro Mundo, para o Brasil. E não depende de ninguém, não depende da imprensa estrangeira, não depende de governos estrangeiros, depende única e exclusivamente da nossa competência, do nosso compromisso e, sobretudo, da nossa lealdade com o sentimento do povo brasileiro.

Eu tenho certeza, Nuzman, de que nós vamos colher um sucesso extraordinário nesse Pan-Americano, e eu tenho certeza de que, a partir daí, você vai poder galgar outros degraus, reivindicando o direito de o Brasil ter outros eventos importantes. Da nossa parte, o compromisso é total, a Governadora disse que, da parte dela, o compromisso é total, e eu tenho certeza de que, do Prefeito também, é total. Se todos nós estamos imbuídos



desse desejo, eu só posso dizer, Nuzman, enquanto presidente do Comitê, que Deus abençoe o nosso Comitê e que possa coordenar com muita eficácia para que a gente possa, no dia da abertura do Pan-Americano, todos nós, estar convencidos de que não fizemos apenas o possível, mas fizemos o melhor, fizemos aquilo que o Brasil sabe fazer.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.





**Intervenção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião entre os países do G-8 e os chefes de Estado e/ou de Governo da África do Sul, Brasil, China, Índia, México e República do Congo**

**São Petersburgo-Rússia, 17 de julho de 2006**

Caros colegas,

As negociações para uma Agenda do Desenvolvimento na OMC estão em crise. Não é uma crise técnica. É uma crise política. É uma crise de falta de liderança. Por isso, é absolutamente apropriado discutirmos este tema aqui. Afinal, para isso – e não apenas para declarações formais – devem reunir-se os principais líderes do mundo desenvolvido e do mundo em desenvolvimento.

O que está em jogo nessas negociações não é apenas um punhado de concessões em matéria de comércio. É o próprio futuro do multilateralismo na esfera econômica, com óbvias repercussões nos planos social e político.

Talvez muitos não se lembrem de que a Rodada de Doha foi lançada pouco depois do 11 de Setembro, num momento de enormes apreensões, quando os países ricos e pobres procuravam juntar forças para combater o flagelo do terrorismo. E não só suas mais trágicas expressões, como a daquele atentado, mas também suas causas mais profundas: a miséria, a doença, a desesperança.

Não é à toa que após quase sessenta anos da criação do sistema GATT/OMC, pela primeira vez a palavra “Desenvolvimento” apareceu no título de uma Rodada. Não se trata de comércio apenas, mesmo no sentido amplo que a palavra adquiriu nas últimas décadas. Trata-se, acima de tudo, de desenvolvimento, isto é, de criar as condições para que as populações mais pobres do nosso Planeta possam usufruir dos progressos de nosso tempo, muitas vezes alcançados às suas expensas.

Não vou me alongar em análises que são conhecidas de todos. Uma



simples comparação é suficiente para ilustrar as injustiças do mundo em que vivemos e que a Rodada de Doha se propôs a corrigir, ainda que parcialmente.

Na agricultura, meio de vida de grande parte das populações mais pobres do mundo, os subsídios, há décadas proibidos no setor industrial, continuam exportando miséria e fome para nações menos desenvolvidas. Enquanto o apoio distorcivo dos países desenvolvidos chega a 1 bilhão de dólares por dia, 900 milhões de pessoas da área rural do mundo em desenvolvimento vivem com menos de 1 dólar por dia.

É falsa a noção de que tais distorções possam ser compensadas com políticas de ajuda ou preferências comerciais, que apenas perpetuam situações de dependência. Dependência em relação a poucos produtos, por vezes um único, e poucos mercados. Os países pobres não necessitam de favores. Necessitam de condições eqüitativas para fazerem valer suas vantagens comparativas. Daí a prioridade à agricultura. O G-20 contribuiu decisivamente para aproximar posições, com suas propostas ao tempo ambiciosas e equilibradas. Mas, obviamente, ainda não chegamos lá.

Muitos países em desenvolvimento, dentre eles o Brasil, já deram sinais inequívocos de que estão prontos a contribuir para a Rodada com movimentos importantes em bens industriais e serviços, proporcionais ao seu grau de desenvolvimento. Tais movimentos terão como base, é óbvio, as tarifas consolidadas. Mas não deixarão de ter impacto real sobre os fluxos de comércio, representando novas oportunidades de mercado.

Entretanto, é totalmente falacioso, além de injusto, o argumento de que os avanços na área agrícola devem ser viabilizados pelas concessões dos países pobres. Na prática, todos sabemos que são pouquíssimos os países em desenvolvimento que efetivamente aplicarão a fórmula de cortes tarifários em bens industriais. A participação desses países no comércio internacional é ainda relativamente pequena e sua contribuição jamais será capaz de fechar o hiato entre as posições negociadoras dos países ricos em agricultura.



Colegas,

Sem firme impulso político e instruções renovadas, nossos ministros não conseguirão aproximar as atuais posições negociadoras. Sabemos que, para fechar a brecha ainda existente, precisaremos tomar decisões que desagradarão alguns setores domésticos. Há sempre a ameaça de perda de popularidade e de votos. Os críticos certamente terão seu espaço na mídia, mas os verdadeiros líderes não pensam apenas na defesa de interesses imediatos. Eles olham para o conjunto da sociedade, para a geração presente e as futuras. As grandes nações têm a responsabilidade adicional de aquilatar o impacto de suas decisões sobre os países mais débeis. Nesse aspecto, também, o Brasil não fugirá às suas.

Uma Rodada que apenas cristalice o *status quo*, sobretudo no setor agrícola, equivalerá a condenar a expressiva maioria da humanidade a seguir vivendo em meio à fome e à miséria. Em dezembro último, nossos ministros lograram um avanço importante: banir, para sempre, o uso dos subsídios às exportações e formas equivalentes de apoio. Agora temos que enfrentar os outros dois pilares das negociações agrícolas.

É inaceitável e simplório o argumento de que “os meus subsídios apenas compensam os subsídios de outros”. O patamar atual dos subsídios é excessivo, ilegal e desumano. Os dispêndios efetivos com subsídios agrícolas têm que cair de forma substancial. Enfatizo a palavra “efetivo”, que já constou da Declaração Ministerial de Hong Kong.

É também injustificado o presente grau de protecionismo nos mercados desenvolvidos. O comércio agrícola não pode permanecer sujeito a tarifas exorbitantes (algumas acima de 1.000%), restrições de quotas, salvaguardas e outros mecanismos de comércio administrado.

Os cortes tarifários em agricultura têm que ser igualmente significativos e não podem ser neutralizados por exceções e comércio administrado. O tratamento especial para a situação específica dos países mais pobres, que



enfrentam questões de subsistência e segurança alimentar deve ser reconhecido.

Estou pronto a instruir o meu Ministro encarregado das negociações a demonstrar a flexibilidade requerida para que a Rodada do Desenvolvimento seja ambiciosa e equilibrada, com ganhos para todos. Não espero menos dos meus colegas aqui presentes. Devemos fazer o que é necessário e o que é justo. Todos temos limitações, mas temos que encará-las com sentido de responsabilidade histórica.

Não é em situação de tranquilidade que precisamos de líderes. Os líderes surgem, atuam e são reconhecidos nos momentos de crise. A Rodada para o Desenvolvimento está em crise. A omissão não é uma resposta aceitável.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do encerramento da XXX Cúpula dos Chefes de Estado do Mercosul**

**Córdoba-Argentina, 21 de julho de 2006**

Querido companheiro Kirchner,  
Querido companheiro Chacho,  
Companheiros Presidentes,  
Convidados,  
Chanceleres,  
Jornalistas,  
Trabalhadores e empresários participantes desta Cúpula do Mercosul

Eu sempre tenho vontade... (falha na gravação) mas temo que, se for falar de improviso, fale mais que Chávez e que Fidel. Portanto, quando Chávez comunicou que as eleições dele serão no mês de dezembro, é importante lembrar que ele tem mais tempo do que eu de campanha, porque fala o dobro do que eu falo e, portanto, tem que ter mais espaço.

Mas, meus companheiros, estou convencido de que esta Reunião de Cúpula teve um significado importante, seja pelo novo momento que se abre para o nosso bloco com a adesão da Venezuela, seja pela franqueza com que discutimos os problemas que nos afetam e também os desafios que temos pela frente.

O Brasil assume a Presidência Pro Tempore do Mercosul, plenamente consciente da importância deste momento, consciente das divergências, consciente dos problemas políticos que enfrentamos. Tenham a certeza de que, nos próximos meses, estarei pessoalmente empenhado, como venho fazendo desde o primeiro dia de meu mandato, em trabalhar por um Mercosul



cada vez mais forte, mais presente e mais atuante, sobretudo, um Mercosul sintonizado com as necessidades de nossos povos e que corresponda às expectativas de todos os seus membros.

A Presidência Pro Tempore Brasileira quer gerar uma efervescência positiva e dar um impulso renovado a nossos propósitos. Estamos dispostos a realizar um debate amplo e profundo sobre os desafios do Mercosul e, em particular, sobre as necessidades especiais das economias menores do nosso bloco. Estou certo de que podemos chegar a um novo pacto do Mercosul, que garanta um desenvolvimento equilibrado e assegure benefícios palpáveis para todos.

A constituição do Focem foi, sem dúvida, um passo importante. Ouvimos agora o Tabaré comunicar que, no Uruguai, no mês de julho, foi aprovado o acordo no Congresso. No Brasil, ainda não foi aprovado e, portanto, eu quero aproveitar a presença dos parlamentares aqui, para enfatizar a necessidade de que nossos Congressos garantam, o quanto antes, a entrada em funcionamento do Fundo, porque muitas vezes há uma distância entre a vontade do Executivo que participa do Mercosul com o Parlamento de cada um dos nossos países.

Vamos nos empenhar, também, para dar plena implementação ao compromisso de eliminar a dupla cobrança da TEC. Nesse contexto, estamos conscientes da necessidade de definir um mecanismo de redistribuição da renda aduaneira. Estou convencido de que essa medida representará a possibilidade de alocar novos e significativos recursos para as regiões menos desenvolvidas do nosso bloco. Estou determinando que meus Ministros trabalhem com sentido de urgência para avançarmos nessa questão. O futuro do Mercosul dependerá de nossa capacidade de induzir investimentos produtivos dentro do bloco, com atenção especial para as economias menores e para as regiões menos favorecidas.

Devemos apoiar projetos industriais, tecnológicos e de infra-estrutura,



superando nossos gargalos produtivos, para que todos se beneficiem do crescimento econômico. Para tanto, reforçaremos a cooperação regional no campo científico e tecnológico, o que já se reflete no intercâmbio crescente de estudantes entre nossos países.

Os importantes avanços que estamos fazendo na coordenação de políticas energéticas abrem perspectivas promissoras. O projeto do anel energético é emblemático de nossa vontade política. Nossa cooperação nos biocombustíveis oferece um horizonte inédito, que alavanca as vantagens competitivas de nossa região.

Meus queridos companheiros presidentes,

Esta nova etapa do Mercosul que estamos iniciando exigirá que suas instituições estejam à altura de nossas ambições. É verdade que nossa integração se dá por decisões essencialmente intergovernamentais, mas não podemos e não devemos nos assustar com a perspectiva de construirmos mecanismos supranacionais, como já fizemos no Protocolo de Olivos.

Algumas vozes insistem que, diante dos problemas que o Mercosul enfrenta, torna-se difícil justificar o aprofundamento das estruturas do bloco. Na verdade, o que vejo é o contrário. A complexidade de nossos desafios exigirá instituições cada vez mais fortes, ágeis e transparentes. Mais Mercosul significa, necessariamente, mais institucionalidade.

Precisamos, desde já, fortalecer a Secretaria do Mercosul e lhe dar atribuições compatíveis com essa nova agenda. Os ganhos do aperfeiçoamento institucional não podem ser desperdiçados. Temos de retomar, com vigor, nossa coordenação macroeconômica, que esteve na origem do Mercosul, e de sua força como espaço econômico. Devemos nos empenhar, nos próximos meses, para agilizar a aprovação, pelos Legislativos nacionais, do Parlamento do Mercosul. Ouço falar do Parlamento do Mercosul há muito tempo. A vontade política dos parlamentares é total, mas é preciso que se crie, definitivamente, o Parlamento do Mercosul, para que haja uma



combinação entre um Executivo, a Direção do Mercosul, a nossa Secretaria do Mercosul e as decisões nacionais dentro dos nossos Congressos.

Tenho a confiança de que cumprimos os prazos acordados e que, no final do ano, poderemos celebrar esse passo histórico. Só assim garantiremos a efetiva participação de nossas sociedades no processo de integração. Nosso bloco, a exemplo do que ocorreu com a União Européia, tem diante de si o grande desafio da legitimidade. A presidência brasileira dará especial atenção a todos os temas que constituem a agenda da cidadania do Mercosul. Estarei pessoalmente empenhado em aproximar o Mercosul dos poderes locais e dos cidadãos. Vitor de Genaro nunca mais vai reclamar do Mercosul a partir de hoje. Está ali o Vitor de Genaro.

Trabalharemos para pôr em funcionamento o Foro Consultivo de municípios, estados, províncias e departamentos. Apoiaremos as iniciativas de nossos Ministros e do presidente da Comissão de Representantes Permanentes, nosso querido companheiro Chacho Alvarez, no sentido de reforçar a agenda social do Mercosul. Daremos ênfase à iniciativa “Somos Mercosul”, lançada pelo Uruguai no ano passado e mantida pela presidência argentina.

Aproveito para saudar, com muito carinho, as lideranças sindicais, as lideranças empresariais e os representantes da sociedade civil, aqui presentes. Nosso agrupamento deve ser, cada vez mais, abraçado pelos trabalhadores, que são os artífices do desenvolvimento econômico. Também temos de redobrar esforços para que, em nossas estruturas públicas e privadas, as políticas nacionais se articulem com o compromisso da integração. Temos de garantir que nossas burocracias estejam engajadas na integração e tomem as medidas indispensáveis para a implementação, a tempo, das normas que aprovamos. Temos de propiciar aos nossos empresários e aos investidores um ambiente ampliado para que possa haver negócios.

Meus queridos presidentes,





O Mercosul se baseia na igualdade jurídica de seus membros e todas as suas decisões requerem o apoio de cada um de nós. Para lograr nossos propósitos, é indispensável contar com a disposição coletiva de avançar. Nesses próximos meses, espero contar com um voto de confiança de cada um de vocês para as ações que estaremos coordenando em prol de nosso projeto de integração. Estou, sinceramente, convencido de que o Mercosul é muito maior do que os obstáculos conjunturais que vivemos. Nossa integração corresponde a uma política de Estado e está enraizada na vontade de nossas populações. Juntos, somos muito mais do que a soma das partes.

Eu espero por vocês, em dezembro, para uma Cúpula que celebre realizações, com a confiança de que estamos contribuindo, decisivamente, para o desenvolvimento de nossa região e do conjunto da América do Sul.

Meus queridos amigos presidentes,

Prometo, Kirchner, que daqui para frente, em todas as reuniões, irei controlar o tempo com o martelo para que Chávez se comporte. Queria dizer aos companheiros que, de vez em quando, fico imaginando as tensões nervosas em cada país, quando temos uma divergência. As papeleras entre Uruguai e Argentina, os problemas das assimetrias entre Brasil e Uruguai, Brasil e Paraguai, Brasil e Bolívia, os problemas aduaneiros que enfrentamos em cada país. Eu fico imaginando que, muitas vezes, nós somos exigentes demais conosco mesmos. Muitas vezes nós nos esquecemos do que éramos há pouco tempo. Não faz muito tempo, e os nossos países recuperaram a liberdade e a democracia. Imaginem, companheiros, que começamos em 1985, em alguns países, como é o caso do Brasil, a recuperar a democracia há apenas 21 anos, e cada um de nós aprendeu o que é viver subordinado à repressão que vivemos durante tanto e tanto tempo. E mais grave, a cabeça dos nossos dirigentes, colonizadas, em que a América do Sul não existia, em que a África não existia, todas as nossas prioridades eram para a União Européia, para os Estados Unidos e, talvez, um pouco, para o Japão.



Nós, no Mercosul, estamos mudando essa maneira de enxergar o mundo. Nós estamos mudando a geografia comercial estabelecida pelos países ricos há muito tempo. Foi do Mercosul que surgiu o G-20 e foi o G-20 que impôs respeitabilidade aos países em desenvolvimento nas mesas de negociação.

Os ricos ainda continuam ricos mas, hoje, dificilmente, eles farão uma reunião para discutir comércio sem levar em conta o Mercosul, sem levar em conta nós que estamos aqui, sem levar em conta a China, sem levar em conta a Índia, sem levar em conta a África do Sul e outros países que começaram a ter uma incidência nas determinações políticas que hoje se toma na Organização Mundial do Comércio.

E quando eu digo que nós somos ansiosos e exigentes conosco mesmos é porque, muitas vezes, nós participamos de uma reunião e saímos daqui nos perguntando: valeu a pena? O que eu ganhei, além de ouvir discursos? E quando pensamos assim, precisamos nos lembrar que em cada país, na Argentina, no Brasil, na Venezuela, no Paraguai e no Uruguai, que são os países que compõem o Grupo Permanente do Mercosul, tem setores organizados torcendo para que o Mercosul não tenha resultados, torcendo para que não façamos o nosso complexo energético, integrando os nossos países, torcendo para que outros países não venham ao Mercosul, achando que nós temos que ceder sempre, como sempre cedemos à vontade dos países ricos.

O que muita gente ainda não compreendeu é que nós mudamos o perfil político da nossa América. Nós estamos mudando o perfil social da nossa América. Nós, hoje, negociamos com o mundo inteiro, sem vergonha de dizer quem somos, o que queremos e, ao mesmo tempo, nós temos orgulho de nos fazer respeitar enquanto Nação.

Por isso que eu, quando fico desanimado e lembro o que nós construímos nesse pouco tempo, acho que nós fizemos uma pequena revolução, na mudança do nosso Continente. Mas estamos longe ainda. Cada



um de nós, aqui, sabe o sacrifício que cada um passa. Eu, possivelmente, sofra tanto quanto o Nicanor com as inquietações, com a pressão que ele sofre dos seus opositores no Paraguai. Possivelmente eu sofra tanto quanto o Tabaré, nas suas inquietações, quanto o Kirchner, e carrego a compreensão de que Argentina, Brasil e, agora, a Venezuela, nós temos que ser sempre generosos, para que possamos fazer concessões, mesmo contrariando interesses locais, às vezes agrupamentos de empresários ou às vezes, quem sabe, até agrupamento de trabalhadores. Mas nós temos que estar convencidos de que esses países menores precisam se desenvolver, com a garantia de que o nosso bloco vai se transformar, cada vez mais, num bloco mais forte e, cada vez mais, num bloco mais respeitado.

Eu já dei demonstrações de compreensão quando aconteceu a tomada de posição da Bolívia de nacionalizar o seu gás. Eu disse para a imprensa brasileira, disse a vários companheiros presidentes, aqui: não esperem que eu vá brigar com o Evo Morales e com a Bolívia. Nós temos maturidade para, na divergência e na adversidade, construir o consenso. E eu tenho certeza de que é por isso que eu utilizo muito a palavra paciência. Eu, agora, sinto uma certa tranqüilidade, quando eu vejo o Chávez tranqüilo.

O Chávez me parecia uma figura inquieta. Um dia, eu disse ao Chávez que se eu tivesse o temperamento dele, eu já teria feito umas três guerras. E hoje, quando o Chávez entra, definitivamente, no Mercosul, e alguém tenta criticar, eu digo que o Mercosul ganhou um extraordinário parceiro pelo país que representa a Venezuela e, sobretudo, pelo comportamento de lealdade que tem o companheiro Chávez nas relações com todos nós.

Não acredito que em outro momento Brasil e Argentina tenham tido a relação que têm agora. Uma relação de compreensão do papel de cada um, uma relação de respeito mútuo pelas nossas nacionalidades, uma compreensão dos problemas políticos que temos internamente. E somente com essa compreensão é que nós poderemos conduzir o Mercosul, convencer Evo



Morales a vir para o Mercosul, convencer outros países a virem para o Mercosul e, quem sabe, num tempo bem menor do que os 15 anos que nós temos hoje, a gente ter o Mercoamérica, e não apenas o Mercosul, tendo do México até a Patagônia, todo mundo participando do Mercosul, passando pelo Caribe e trazendo Cuba junto.

Eu penso que as chances estão colocadas, não depende dos nossos adversários, não depende dos nossos inimigos, depende única e exclusivamente da compreensão que temos da necessidade de estarmos juntos, construirmos juntos as alternativas para melhorar a vida do nosso povo.

Eu tinha essa compreensão antes de ser Presidente, tenho ela agora, como Presidente, e a continuarei tendo quando deixar de ser Presidente, porque não há saída individual para nenhum país da América, não há nenhuma saída individual. A saída é estarmos fazendo o que estamos fazendo aqui. Temos muito, meu caro Nicanor, meu caro Chávez, meus companheiros do Uruguai, meus caro Kirchner e demais companheiros, temos muito a fazer.

Eu espero, na Presidência Pro Tempore, dar seqüência, com o mesmo ânimo e com a mesma competência da administração da Argentina, com a certeza, companheiro Chacho, de que nós precisamos trabalhar, com muita força, para que a Secretaria seja cada vez mais forte, cada vez mais representativa. Porque, se a cada seis meses nós construirmos um passo adiante, no final dos nossos mandatos nós poderemos, de forma orgulhosa, ver derrotados aqueles que escrevem diariamente contra o Mercosul, aqueles que acham que os nossos países só deveriam ter relação com os Estados Unidos, mesmo que os Estados Unidos não quisessem.

Eu lembro, e vocês se lembram, na disputa eleitoral aqui, na Argentina, na disputa eleitoral no Brasil, no Paraguai, no Uruguai e na Venezuela, como era nervoso esse Continente, entre Alca e não-Alca. Nós, simplesmente, não falamos mais em Alca, simplesmente, a tensão desapareceu. Hoje, quem quiser falar em Alca, tem que falar primeiro em Mercosul. Tem que falar em



Mercosul porque nós, a partir da nossa realidade, queremos construir acordos com todos os países do mundo, mas queremos que a nossa soberania seja respeitada, que a nossa agricultura seja respeitada, que a nossa indústria seja respeitada, e que os nossos países tenham soberania para decidir a hora de fazer, com quem fazer, em função do nosso interesse. Afinal de contas, já faz quase dois séculos que nós deixamos de ser colônia e nem queremos voltar a ser colônia.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de sanção da lei que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais**

**Palácio do Planalto, 24 de julho de 2006**

Meu querido companheiro Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Meu querido Guedes, ministro da Agricultura,

Querido companheiro Patrus Ananias,

Querido companheiro Dulci,

Tarso Genro,

Meu querido sempre ministro José Graziano, que nos visita aqui, numa passagem, certamente para nos trazer mais trabalho,

Meus companheiros deputados Assis do Couto, Orlando Desconsi e Pimentel,

Meu caro Rolf, presidente do Incra,

Meu querido companheiro Torteli,

Meu querido companheiro Manoel dos Santos,

Meu caro Márcio Lopes, presidente da OECD,

Meus companheiros trabalhadores, trabalhadoras,

Eu penso que mais do que a sanção de uma lei, é importante que tenhamos a compreensão de que nós estamos fazendo o reconhecimento de alguns milhões de homens e mulheres que, ao longo de tantos e tantos anos, produzem alguma coisa que nós comemos e que, muitas vezes, não estavam no calendário das decodificações profissionais neste país e que, cada vez que tínhamos que discutir o financiamento, tínhamos, meu querido Chico do



Consea, que fazer um decreto especial para poder liberar dinheiro, para fazer a concessão do Pronaf. E, hoje, nós estamos aqui, dizendo que não apenas vocês existem, mas que nós reconhecemos em lei que vocês existem e reconhecemos porque sabemos a importância da agricultura familiar para o nosso País.

Eu, durante muito tempo, tive inquietações, o Bianchini é testemunha. Ainda no tempo das caravanas, eu perguntava para o Bianchini quando era que íamos diminuir o número de pessoas que deixavam o campo para ir para a cidade. E a verdade é que, segundo o IBGE, tem diminuído o número de pessoas que tem deixado o campo. Pelo contrário, tem aumentado o número de pessoas trabalhando no campo, sobretudo na agricultura familiar, numa demonstração de que aconteceu uma coisa que todo mundo queria que acontecesse.

Na medida em que você tem terra, na medida em que você tem o crédito, na medida em que você tem parte da garantia da compra dos produtos que você produz, na medida em que você tem assistência técnica, na medida em que você tem luz na sua terra, as pessoas começam a se perguntar: “para que, então, eu ir morar na periferia de Porto Alegre, de São Paulo, de Curitiba, de Florianópolis, de Belo Horizonte, de Salvador, de Recife, de Fortaleza”? As pessoas falam: “eu prefiro viver na minha tranquilidade, aqui eu convivo com uma tranquilidade, com uma segurança que, certamente, eu não tenho numa grande cidade”. E, ainda mais, se garantirmos que as crianças tenham direito à escola, que as mulheres tenham mais facilidade à saúde, então é o melhor dos mundos que a gente pode criar para a pessoa conviver no campo.

E eu acho que é isso que está acontecendo aqui. Eu acho que nesses 43 meses de governo, certamente toda vez que olharmos, vamos perceber que na nossa caminhada de vida sempre faltará um passo a ser dado, às vezes dois, às vezes até 50 passos. Mas o dado concreto é que pela organização de vocês, pela persistência de vocês, pelas caminhadas de vocês e pela sensatez



que o governo adotou, na relação com vocês, nós temos dado passos extremamente gratificantes nessa relação com os trabalhadores do campo e, sobretudo, com a agricultura familiar. Os avanços são incontestes. Vai faltar alguma coisa? Vai e, certamente, sempre que houver uma conquista, haverá uma nova conquista pela frente. Assim – diriam os mais antigos – caminha a humanidade.

Cada passo que nós conquistarmos, nós viremos a descobrir que tem mais uma coisinha que poderia ser feita, que tem mais uma coisinha que poderia aperfeiçoar. E Deus queira que seja assim a vida inteira, porque não terá nada pior do que o dia em que a gente acordar e a gente chegar à conclusão de que não tem nada para pedir para ninguém, não tem nada para reivindicar, não tem nada para reclamar, aí começaremos a dizer que estamos morrendo de tédio, porque a vida perde um pouco o sentido.

Então, eu acho que essa Lei coroa esses 42, 43 meses de relações institucionais, porque a nossa relação é de antes de estarmos no governo. E acho mais importante ainda a gente ter em conta que outros passos podem ser dados, Tortelli, Manoel Serra. Há uma coisa que nós fizemos aqui nesse Salão, que foi o Decreto permitindo que as pessoas pudessem comercializar os seus produtos em outras cidades. O Decreto foi feito e depois precisávamos regulamentar. Na regulamentação – eu espero que amanhã o Guilherme e o Guedes resolvam, definitivamente, porque não são nem vocês que estão mais inquietos, sou eu que estou inquieto agora – nós temos alguns probleminhas que parecem fáceis de ser resolvidos, mas que são difíceis.

Em primeiro lugar, o governo tem que estar preocupado em garantir que a pessoa que recebe o produto na sua casa, que compra um produto, que tenha um produto de qualidade, saudável, que não permita que amanhã o governo seja acusado de que alguém comprou um produto que não estava bem-feito, que não estava bem cuidado do ponto de vista sanitário e que, portanto, nós tivemos problemas. Nós precisamos, então, cuidar. O primeiro





passo é que o consumidor precisa receber esse... seja o salame, seja a lingüiça, seja qualquer coisa, o queijo, o mel, o que for produzido, nós temos que ter a certeza de que vai passar por um processo de fiscalização que permita que o consumidor tenha um produto de primeiríssima qualidade, e que a gente possa, tanto utilizá-lo aqui no Brasil, como permitir que um alemão, que um suíço, que um sueco, que um francês, que um americano possa comer, sabendo que está comendo uma coisa altamente saudável.

A segunda coisa é que nós do governo precisamos levar em conta se essa regulamentação será para facilitar a vida das pessoas que produzem, ou nós vamos dar um tratamento tão exigente que terminará dificultando as pessoas pequenas a criarem o seu mecanismo de produção. Então, vocês percebem que tem um imbróglio aí no meio, ou seja, porque tem gente que fala: “não, eu sou pequeno, eu não preciso dessas qualidades todas, eu não preciso colocar azulejo, eu não preciso colocar um piso tal”. Quando, na verdade, precisa colocar. O problema, então, não é que não precisa, o problema é que nós precisamos cuidar de como financiar para que a pessoa possa ter as coisas o mais bem-arrumadas possível, para que o produto saia da maior qualidade possível, e para que o consumidor possa comprar as coisas com a garantia total que nós precisamos.

Amanhã, certamente, o Guilherme e o Guedes vão resolver isso. Quem sabe depois de amanhã já estejam anunciando para vocês, para que a gente possa fazer transitar pelo território nacional os produtos fabricados pela agricultura familiar, chegar no supermercado, no shopping, nas feiras livres, e aí nós vamos precisar de um outro componente, que é fazer com que os prefeitos assumam a responsabilidade, porque terão que fazer parcerias com o Ministério da Agricultura; que os estados assumam a responsabilidade, porque aí vocês vão ter que fazer pressão, a boa pressão em cima dos prefeitos para que eles montem a equipe que vai cuidar da questão sanitária do produto que vocês querem produzir.



Eu acho que, resolvido isso, nós poderíamos dizer para vocês: nós terminaremos este ano com a consciência tranqüila de que nós não fizemos tudo que a agricultura familiar precisava, mas que fizemos muito mais do que muita gente esperava neste País. Eu tenho certeza, Tortelli, Mané, companheiros da Via Campesina que, em algum momento, vocês acordaram pensando que a relação de vocês seria muito mais difícil do que ela foi. Na verdade, vocês, nesses quatro anos, não encontraram obstáculo dentro do governo, vocês não encontraram, por parte dos Ministérios, nenhum que não se dispusesse a atender vocês e, muitas vezes, se não atende é porque não é fácil atender tudo o que a gente deseja, vocês compreenderam a correlação de força dentro do Congresso Nacional que nem sempre a gente pode fazer aquilo que a gente tem vontade de fazer e, às vezes, até um bom projeto pode ser perdido, se ele for derrotado no momento certo. Na semana passada mesmo, eu dizia para o Manoel: nós mandamos a prorrogação da questão da aposentadoria do assalariado no campo, porque o projeto não ia ser votado. Então, nós fizemos uma medida provisória, fazendo a prorrogação por mais dois anos, para ver se nesses dois anos o Congresso Nacional consegue elaborar a lei que possa dar tranqüilidade a todos vocês.

No mais, eu quero agradecer a vocês, agradecer pelo comportamento que tiveram até agora, pela relação que vocês tiveram com o governo, que foi extremamente saudável, dando demonstração de que a democracia não faz mal a ninguém, dando demonstração de que a relação democrática, mesmo quando tem divergência, é altamente saudável para a construção e para a formação política das pessoas. Vocês podem ficar certos de que, em nenhum momento, por mais tenso que tenham sido alguns momentos de relação do governo com vocês, nós perdemos a esperança de que poderíamos dar o passo certo no dia seguinte; em nenhum momento nós vimos vocês como empecilho para que a gente pudesse fazer as coisas que estão sendo feitas.



E a tendência é cada dia melhorar, porque a cada dia estamos aprendendo mais, cada dia vocês vão ficar mais sofisticados, cada dia vocês vão reivindicar um pouco mais, cada dia vocês vão querer... É assim mesmo, e nós sabemos disso porque saímos disso, nós surgimos nesse Movimento, então nós temos clara compreensão do que são as reivindicações. Nós temos um grupo de empresários do setor rural que também faz as mesmas críticas, e faz a crítica para o outro lado, não critica a mim, critica o governo como um todo – critica a mim, criticava o Roberto Rodrigues – que nós também temos que perceber que faz parte do jogo político, senão nós não construiríamos a democracia. Muitas vezes nós ficamos chateados, mas eu penso que isso vai consolidando a maturidade democrática do Brasil. Não pensem que é importante para um governo apenas participar de bons momentos. Às vezes nós temos que participar de momentos que não são tão bons, para saber que nem toda a sociedade está pensando de acordo com o governo.

Então, eu quero dar os parabéns a vocês e dizer que o significado da agricultura familiar é muito importante, e eu volto a repetir aqui: ela não é incompatível com a agricultura empresarial. Feliz do Brasil que tem dois poderes extraordinários de produção no campo como nós temos, e nós queremos é que a agricultura familiar se torne cada vez mais moderna, que cada vez mais as pessoas precisem fazer menos esforço físico, ganhar um pouco mais de dinheiro, porque é isso que vai fazer com que a tecnologia chegue a vocês. Esse é um próximo passo, não pensem que vocês vão ficar a vida inteira produzindo o que produzem hoje. Cada conquista tecnológica tem que chegar a vocês, e temos que trabalhar para isso. Aí, vocês vão perceber que vão ficar menos tempo expostos ao sol e, no final do ano, vão ganhar um pouquinho mais porque a tecnologia ajudou vocês a ganharem um pouco mais. Eu acho que, portanto, o que vocês representam, já foi dito aqui, os trabalhadores da agricultura familiar representam, praticamente, a produção de 84% da mandioca, 67% do feijão, 58% do suíno, 54% da bovinocultura e do



leite, 49% do milho, 40% das aves e ovos, 32% da soja, entre outras coisas que vocês, muitas vezes, nem sabem que produzem tanto como produzem.

Esses dias, quero dizer para vocês que fiquei extremamente feliz com o Ato que participamos, em Chapecó, da construção das casas para os trabalhadores rurais. É um modelo que nós teremos imenso prazer em estender para outros setores, uma casa com cara de campo, porque se começou a fazer casas como se fossem casinhas do BNH na periferia dos grandes centros, e eu dizia: como é possível uma casa no campo sem uma varandinha? Tem que ter a varandinha e tem que ter o fogão a lenha por que, também, quem é que vive sem um fogãozinho de lenha, para esquentar os pés?

Então, meus companheiros, meus parabéns. Eu acho que nós, aqui, estamos apenas cumprindo uma demanda que a sociedade nos impõe. O Congresso Nacional agiu da forma, eu diria, mais extraordinária possível, ou seja, a questão ideológica não foi tão forte dessa vez, mas eu acho que é um tento importante. E quero dizer para vocês que eu concordo com os que falaram que não terminaram as nossas pendengas, as nossas labutas. Temos muita coisa pela frente, muita coisa. E Deus queira que vocês nunca parem de reivindicar para que a gente nunca pare de atender, porque senão será ruim para vocês e ruim para nós.

Parabéns aos trabalhadores. Parabéns às trabalhadoras. E parabéns aos seus representantes.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura da reunião sobre Biodiesel**

**Palácio do Planalto, 31 de julho de 2006**

Primeiro, quero agradecer a presença de todos vocês aqui, nesta conversa sobre o biodiesel. Agradecer aos trabalhadores, aos empresários, aos companheiros do governo, aos ministros. E dizer para vocês que nós estamos vivendo um momento, eu diria, para o futuro do nosso País e para o futuro da bioenergia, que é uma coisa um pouco mágica, porque nem todos nós temos a dimensão do que pode acontecer no mundo com a utilização do biocombustível.

Nós começamos, e muitos de vocês participaram desde o começo, construindo o nosso arcabouço, a nossa engenharia de produção de biodiesel, estamos há dois anos e os resultados têm sido surpreendentes, do ponto de vista do nível em que nós chegamos na questão do biodiesel. A expectativa do mundo é muito grande. Eu acabo de chegar do G-8 em que a BR me preparou um folder em inglês para entregar para cada presidente, e tem expectativa na América Central, tem expectativa na América do Sul, tem expectativa na África, tem expectativa na Europa.

Ou seja, nós estamos com uma engenharia na mão e uma possibilidade que não estava na cabeça de ninguém há 3 anos e meio. E o interesse de outros países tem sido surpreendente. Internamente, nós estamos percebendo que os resultados são extremamente favoráveis. E, de quando em quando, nós vamos ter que fazer essas reuniões, para que a gente coloque as nossas informações em dia, para que a gente coloque as nossas pretensões em dia e para que a gente possa ir fazendo o ajuste nas coisas que estamos fazendo porque, ao mesmo tempo em que nós queremos apresentar ao mundo a solidez de um programa que possa oferecer uma matriz energética renovável e



garantidora de que nós vamos ter uma grande responsabilidade pela despoluição do planeta e por não ficar dependente do preço do petróleo, nesse programa tem uma característica empresarial, uma característica energética muito forte, mas tem uma característica social profunda, que é o fortalecimento da combinação entre a nossa capacidade de construir a fábrica, produzir o biodiesel e gerar riqueza neste País, e gerar distribuição de renda via parcerias com a agricultura familiar.

E nós também temos que ter uma preocupação no avanço que vamos dar. Ou seja, nós temos um compromisso na lei de que até 2008 nós iríamos atender 2% de biodiesel no óleo diesel, depois assumimos, na mesma lei, o compromisso de que até 2013 nós chegaríamos a 5%. Acontece que, pelo andar da carruagem, eu acho que nós vamos ultrapassar, com muita facilidade, esses índices que nós colocamos.

Obviamente que nós temos a indústria automobilística, que está participando aqui hoje, também, e eu sou um daqueles que acham que nós poderemos ultrapassar os limites que estão estabelecidos na lei, na hora em que a indústria automobilística tiver a disposição de provar a si e a nós mesmos que colocar um pouco mais, um pouco menos, não vai criar nenhum problema no seu motor, pelo contrário, vai ser um ganho para todos nós.

Então, quero agradecer a presença de vocês, por isso, porque esse programa não pode... a gente não pode permitir que esse programa cresça de maneira desordenada. Nem ele decresça, nem cresça de forma desordenada. É preciso ir acompanhando *pari passu*, porque uma coisa que me chamou muito a atenção, nesses dois anos e meio, é que nós começamos a discutir a questão do etanol com outros países e, sobretudo, com mais força no Japão, na viagem que eu fiz ao Japão. E a principal preocupação do governo japonês – já tinham tomado a decisão de introduzir 3% de etanol na gasolina deles – mas, a preocupação deles era saber o seguinte: se nós éramos sérios o suficiente enquanto país, enquanto empresa para, na hora em que eles



assumissem a responsabilidade de levar para o posto de gasolina, saber se nós íamos atendê-los, se nós íamos assumir os compromissos.

E, obviamente, quando se trata de combustível, o compromisso é outro porque aí não pode faltar no posto e nós temos que ter seriedade. Tem que ter estoque regulador, quem vai controlar isso, quem vai garantir essa produção, quem vai garantir a compra, porque senão todo mundo desejoso de investir, de ganhar muito dinheiro, de produzir muita mamona... nós tivemos um momento aqui em que uma prefeitura da Bahia incentivou o pessoal a plantar mamona, e todo mundo plantou, mas não tinha nenhum compromisso com a BR de comprar com alguém, então ficou a mamona sem ter quem comprar. Eu pedi para o Miguel Rossetto, que era o ministro, ir lá e ver se a gente conseguia comprar, com quem nós poderíamos negociar. Então, esse controle e esse cuidado nós temos que ter até a consolidação definitiva do Programa, a consolidação da utilização do biocombustível de verdade como essa nova fonte energética.

Nós vamos, agora, com os leilões que fizemos, vamos cumprir, já em 2007, a meta que estava prevista para cumprirmos em 2008 e, pela sede e pelo interesse que eu tenho visto de empresários de outros setores, se a gente não tomar cuidado, daqui a pouco, está todo mundo querendo investir no biodiesel. E nós precisamos, em um primeiro momento, ir cuidando disso com um certo carinho, e é por isso que nós estamos fazendo esta reunião hoje, para que a gente possa ouvir de vocês e para que a gente possa falar, como nós estamos e as coisas que nós vamos fazer. Tem uma agenda, eu vou pedir e passar a palavra para a Dilma, nós vamos começar isso com a abertura do Ministro das Minas e Energia, e depois, então, tem um roteirinho.

Dilma, a palavra com você.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de assinatura dos contratos do 2º Leilão Público de Biodiesel  
Palácio do Planalto, 25 de julho de 2006**

Meus companheiros ministros Silas Rondeau, Dilma Rousseff, Sérgio Machado, Guilherme Cassel, Tarso Genro,

Meu caro governador José Orcírio, do Mato Grosso do Sul,  
Senador Leomar Quintanilha,

Senhor Hildo Francisco Henz, diretor-presidente da Refap,

Meu caro Haroldo Lima, diretor da Agência Nacional de Petróleo,

Nossa querida companheira Graça, presidente da BR Distribuidora,

Paulo Roberto Costa, diretor de abastecimento da Petrobras,

Empresários aqui presentes,

Possivelmente, dentre todos que estejam aqui, cada um sentindo a sua responsabilidade e a sua emoção, eu quero dizer para vocês que cada coisa que eu participo do biodiesel é como uma mãe ou um pai acompanhando a primeira palavra do filho ou o primeiro passo do filho. Muitas vezes, ouvimos a criança gaguejar e não sair nenhuma palavra, e nós achamos que falou até o nosso nome. Outras vezes, a gente vê a criança tomar uma série de tombos e é daí que ela aprende a andar.

O momento de felicidade que eu sinto, no dia de hoje, para não repetir aqui os números já citados, é porque esse programa poderia ter começado há 20 anos. O Brasil já tinha demonstrado competência na produção de combustível alternativo quando, na década de 70, introduzimos o álcool neste País, hoje consolidado no mundo inteiro.

A minha alegria não é apenas pelo que estamos colhendo aqui hoje. A minha alegria, Graça, é porque eu levei o folder que você preparou tão bem





para mim em inglês, faltou em espanhol para entregar em Córdoba, e fui convidado para reunião do G-8. E com cada presidente que eu conversava, era boa noite ali, bom dia aqui, boa tarde, e um programinha do biodiesel para eles. E por que eu fiz isso e estou feliz de estar neste ato de hoje? É porque o Brasil, quando adotou a produção de combustíveis renováveis e apostou no biodiesel, o Brasil mostrou para o mundo que nós temos condições de não ficar tão dependentes de um combustível ou de uma matéria-prima que, a cada tiro que acontece no mundo, aumenta de preço e, portanto, nós temos que tê-lo como uma coisa importante, mas procurar as nossas alternativas.

Eu estou feliz porque o Brasil sai na frente. Estou feliz porque vocês, empresários, acreditaram que era possível partilhar dessa responsabilidade com o governo federal. E mais feliz ainda porque tanto nós quanto vocês acreditamos que era possível a gente gerar uma quantidade de dezenas ou centenas de milhares de empregos nas regiões mais desfavorecidas do nosso País.

Por isso, criamos o chamado Selo Social, por isso criamos o incentivo, para que pudéssemos fazer com que uma parte dos brasileiros que são mais esquecidos neste País pudessem se transformar em cidadãos e pudessem participar do processo de crescimento econômico e do desenvolvimento do Brasil. Essa é a razão da minha alegria. Uma outra razão é a nossa querida Petrobras ter maturado, na cabeça dos seus dirigentes, a idéia de que é importante ser parceira do biodiesel. Eu digo sempre, e a Petrobras nunca pode se ofender com isso, mas a Petrobras não pensava muito em outra coisa que não fosse petróleo e, como agora ficamos auto-suficientes, está pouco se preocupando com o preço do petróleo.

Mas nós, que governamos e que não pensamos apenas na lucratividade e na rentabilidade de uma empresa, por melhor que ela seja, temos que pensar na sobrevivência da totalidade da sociedade, temos que pensar desde a geração de empregos até o direito de o cidadão utilizar um combustível menos



poluente, mais barato. Insistimos para que a Petrobras apadrinhasse o projeto e assumisse conosco a responsabilidade. Os números mostrados pela Agência Nacional do Petróleo, pelo Paulo Roberto, da Petrobras, e pelo Ministro de Minas e Energia, por si só, já falam que crescemos mais rapidamente do que poderíamos imaginar.

Eu acho que muitos de nós, governo, Petrobras e empresários, possivelmente tínhamos dúvida se chegaríamos no final de 2006 colhendo o sucesso que estamos colhendo. E é como aquela Ata do Copom, estamos colhendo uma coisa boa agora com viés de colhermos muito mais, um viés positivo. No caso do Copom, vocês fiquem esperando um viés de baixa. Nós, aqui, queremos um viés de alta. Estamos dizendo aos empresários brasileiros que há um mercado potencial extraordinário no mundo inteiro à nossa disposição, e que precisamos provar que temos competência de produzir, de ter qualidade e atender o suprimento dos mercados aos quais nós propusermos vender o biodiesel. Estamos convencidos de que o cumprimento do Protocolo de Quioto é uma exigência que nos favorece na disputa com o combustível renovável, estamos convencidos de que nenhum país do mundo tem as condições favoráveis que tem o Brasil, e a quantidade de oleaginosas que tem o Brasil, e a quantidade de terra que tem o Brasil.

Portanto, eu penso que poderíamos, hoje, dizer que assinamos mais um leilão com empresários, que são os empresários que estão plantando petróleo. A Petrobras faz prospecção, nós plantamos petróleo. Parece absurdo dizer uma palavra dessas, mas o dado concreto é que estamos plantando combustível. Já plantávamos o álcool, e o álcool, hoje, tem uma dimensão extraordinária. Acho que todos os plantadores de álcool no Brasil não tinham a dimensão do efeito que o álcool passou a ter no mundo no começo do século XXI. E agora o biodiesel e, mais ainda, o H-Bio, que é a combinação perfeita para utilizar todo o potencial que a agricultura familiar tem a nos oferecer, como capacidade produtiva e terra disponível para produzir, como utilizar os grandes



empresários brasileiros que podem suprir, na medida em que chegarmos à conclusão de que o B-5 é pouco, que precisamos de B-10, de B-15, de B-20, e, quem sabe, um dia a gente tenha carro totalmente a biodiesel e a Petrobras exporte todo o nosso óleo diesel para trazer mais reservas para o Brasil.

Esse é o dado. Depois de tudo o que foi feito aqui, que vocês assinaram, nós poderemos dizer que temos 210 mil famílias no campo comprometidas com um Programa que tem apenas dois anos de existência. Duzentos e dez mil trabalhadores já comprometidos. E, possivelmente, no ano que vem, quando a Petrobras tiver que anunciar mais alguns leilões, já não sejam mais 210 mil, mas sejam 300, 400 ou 500 mil trabalhadores gerando empregos nas regiões mais empobrecidas do Brasil, para um tipo de categoria que ontem foi regularizada, porque hoje é Dia do Trabalhador Rural e, ontem, regularizamos uma reivindicação histórica deles, criando a chamada profissão da agricultura familiar no Brasil, que não tinha.

Bem, tudo isso eu quero dizer para vocês que é um sinal que me faz dizer, claramente, que nós não temos dimensão do que vai acontecer com o Brasil nas próximas duas décadas em se tratando de combustível renovável. Nós não temos dimensão e não acredito que tenha alguém capaz de prever, porque o que nós estamos colhendo hoje, com esses leilões, é que nós já vamos atingir, em 2007, os 840 milhões de litros que nós prevíamos para 2008.

Não faz muito temos, tínhamos apenas 99 postos de gasolina com biodiesel, hoje já temos mil postos. Quantos agora, Graça? Vocês vejam, em uma semana... foi um parto dolorido para chegar a mil, e em uma semana ela já me anuncia 500 postos a mais. Aqui em Brasília, 80 postos vendendo biodiesel. E, esses dias, um dono de um posto me dizia que uma mulher chegou no posto e exigiu o biodiesel.

Bem, isso significa que o Brasil encontrou um outro filé na sua vida e que o Brasil não pode jogar fora essa oportunidade. Esse programa, quando nós o pensamos, nós pensamos para o Brasil, pensamos para os países mais



pobres que o Brasil e pensamos para a África. E o mundo desenvolvido terá que pagar o preço de comprar desses países, que são produtores, o combustível que eles necessitam para cumprir os protocolos que nós mesmos assinamos, que é o Protocolo de Quioto. Então, nós teremos mais empregos, mais renda, um combustível renovável, menos poluição, menos perigo para a camada de ozônio. Ou seja, é tudo o que o mundo precisa.

Então, eu só posso agradecer a vocês. Agradecer aos técnicos que trabalharam, não foi fácil. De vez em quando, você encontrava alguém com má vontade, mas sempre aparecia alguém com muita boa vontade. Então, eu quero agradecer aos técnicos da Petrobras, à direção da Petrobras, aos empresários, à Agência Nacional de Petróleo, pela dedicação, aos trabalhadores, que estão produzindo, pela dedicação e pelo compromisso que, junto conosco, vocês estão assumindo.

Senador Quintanilha, é verdade, você agora, quando viajar o mundo, representando o Congresso Nacional, você pode dizer, em alto e bom som, que este é o único país do mundo que está plantando petróleo, ou seja, não temos que cavar um buraco em 3 mil metros de água, depois mais 3 mil metros abaixo d'água. Vamos continuar fazendo isso, porque temos tecnologia e o mundo ainda precisa. Hoje, com uma pequena covinha, um pé de mamona, um pé de girassol, um pé de pinhão manso, um pé de algodão, um pé de palma, um pé de soja, ou seja, e o nosso poço, ele pode dar, a cada quatro meses, a cada seis meses, a cada oito meses, nós poderemos ter a quantidade de petróleo que quisermos, produzir a quantidade que quisermos e oferecer ao mundo um combustível mais gerador de riquezas e muito mais limpo do que aqueles que nós conhecemos nos dias de hoje.

Para mim, não quero saber se vai acabar o petróleo ou não. O dado concreto é que nós não teremos mais o preço do petróleo a 30 dólares, como tivemos, o barril a 40 dólares, quem gostou de vender a 70 dificilmente vai voltar a vender a 60.



Então, o Brasil está de parabéns, porque aproveitou, neste momento histórico em que o petróleo passa por uma crise, não só de atingir a sua auto-suficiência na Petrobras, mas de apresentar ao mundo e ao próprio Brasil uma alternativa. Quem quiser fazer negócio nós temos alternativa; quem quiser fazer parceria, nós temos alternativa. E não se preocupem, porque alguns dizem: é, mas agora vai diminuir a produção de alimento e tal. Primeiro que a pessoa só pode plantar mamona se comer, então, precisa plantar alimento também. Nós não estamos dizendo para ninguém: olha, você deixa plantar comida e planta... porque ninguém vai comer o óleo. Nós queremos comer é feijão, arroz e as outras coisas que nós plantamos e, mesmo assim, nós temos terra para plantar o nosso biodiesel.

Eu acho que o dia de hoje é um dia memorável. Eu não sei se os empresários estão sentindo ou os companheiros do governo estão sentindo o que eu sinto. Eu sinto que estamos vivendo uma nova era para o trabalhador do campo neste País e, sobretudo, no dia em que os trabalhadores comemoram o Dia do Trabalhador Rural. É muito mais chance de trabalhar e de cuidar da sua família.

Portanto, parabéns à Petrobras, parabéns aos ministros, parabéns aos empresários e aos trabalhadores por mais este leilão e por mais este sucesso. Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia comemorativa do Centenário do Vôo do 14 Bis**

**Santos Dumont-MG, 26 de julho de 2006**

Excelentíssimo senhor Waldir Pires, ministro da Defesa,  
Excelentíssimo senhor Walfrido dos Mares Guia, ministro do Turismo,  
Excelentíssimo senhor Luiz Soares Dulci, ministro-chefe da Secretaria-  
Geral da Presidência da República,

Nosso querido brigadeiro Luiz Carlos da Silva Bueno, comandante da  
Aeronáutica,

Senhor Evandro Nery, prefeito de Santos Dumont,

Meu caro Jorge Henrique Dumont, sobrinho-neto de Santos Dumont,

Senhor Fernando Damata Pimentel, nosso querido prefeito de Belo  
Horizonte,

Meu caro Martim Francisco Borges de Andrada, prefeito de Barbacena,

Nosso caro Carlos Alberto Bejani, prefeito de Juiz de Fora,

Senhor Tomás Castello Branco, presidente da Fundação da Casa de  
Cabangu,

Vereador Cláudio Mendes, presidente da Câmara Municipal de  
Cabangu,

Meus amigos e minhas amigas de Santos Dumont,

Jornalistas aqui presentes,

Parlamentares,

O homem pode voar. Essa frase atribuída a Alberto Santos Dumont,  
quando ainda era um menino destas Minas Gerais, se transformou em  
realidade há exatos 100 anos. Foi quando, em 1906, ele fez o primeiro  
aparelho mais pesado que o ar levantar vôo no campo de Bagatelli, em Paris.



Fato que, segundo os jornais da época, deixou a multidão presente estupefata, com a impressão de ter visto um milagre. Mas não era milagre. Alberto Santos Dumont deu, já naquela época, uma demonstração de tenacidade, ousadia, audácia, improvisação e conhecimento.

Santos Dumont era um homem da Ciência, era um cientista no sentido de se entregar à Ciência com um sentimento de felicidade, porque tinha a exata noção do seu potencial intelectual. Era um cientista porque a Ciência o fazia transbordar de energia e lhe permitia realizar toda sorte de ambições. Sua insistência, na certeza de que o homem podia voar, era uma clara demonstração do otimismo, da vontade. Para ele, a aviação seria uma conquista para a união, a integração e a paz.

Santos Dumont viveu em uma Paris que ainda sofria com as seqüelas da Comuna e da guerra Franco-Prussiana, ocorridas 20 anos antes de sua chegada à capital francesa, em 1891. Mesmo que oito anos depois de voar pela primeira vez, fosse obrigado a ver aviões se desenvolverem o suficiente para se transformarem em armas devastadoras na guerra mundial, ele acreditava sempre.

Experimentos fracassados e erros de cálculos poderiam transtorná-lo, mas não barravam sua capacidade de reinventar os meios necessários para a realização de um sonho que não era só seu, mas de toda a humanidade.

Santos Dumont, por tudo isso, deu o exemplo e mostrou o caminho para o nosso querido Brasil. Seu legado nos ajuda a acreditar em nós mesmos, a caminhar com as pernas e a encontrar soluções, mesmo para os nossos mais antigos problemas.

Meus amigos e minhas amigas,

A vida de Santos Dumont e sua visão de desenvolvimento e de democracia nos trazem outros dois exemplos, que buscamos sempre repetir. O primeiro foi a própria recusa em patentear sua mais importante obra. Antes,



preferiu que ela fosse de domínio público, possibilitando assim que fosse inovada e redesenhada.

A sociedade hoje compreende que a democratização do conhecimento, tal qual aquela posta em prática por Santos Dumont, é a raiz do desenvolvimento sólido. O Estado brasileiro está hoje traduzindo esses ideais para a realidade do século XXI. Para tanto, expande o ensino técnico e universitário, promove a inclusão digital e o uso de plataformas tecnológicas livres. Além disso, nos fóruns internacionais dos quais é signatário, procura sempre defender as formas mais inovadoras e democráticas de propriedade intelectual.

O segundo exemplo que foi dado por Santos Dumont foi o fato de ter repartido o prêmio – como disse o nosso companheiro Dulci aqui – que recebera pelo 14 BIS, em duas partes: uma para os técnicos que o fizeram e outra para os pobres do país. Imaginem vocês o tamanho da atitude de Santos Dumont. Ele fez o invento e, ao invés de querer ficar rico com o seu invento, ele preferiu que o seu invento fosse de domínio público. Segundo, o dinheiro que ganhou, ele repartiu com quem o ajudou a fazer o invento e para os pobres de Paris.

Imaginem se, hoje, quem inventasse um remédio para combater a Aids, para combater o câncer, para combater qualquer outra doença quase incurável, ao invés de vender a patente para um laboratório para poucos ficarem ricos, imaginem vocês se essa descoberta se transformasse em uma coisa da humanidade, em que as pessoas não precisassem pagar, como seria mais fácil a gente cuidar dos problemas que afligem milhões e milhões de seres humanos no planeta Terra.

É por isso que esse gesto de Santos Dumont, pouco divulgado, é um gesto que demonstra a grandeza que ele tinha, já há 100 anos. Aprendemos com isso que as recompensas pelo desenvolvimento devem ser partilhadas.





Não pode beneficiar alguns poucos, mas todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que ele se tornasse uma realidade.

Os governos precisam ter a responsabilidade pública de ditar os rumos do desenvolvimento nacional, produzindo conhecimento e tecnologia, a partir do patrimônio nacional e da criatividade do povo brasileiro. Nós, promovemos pesquisas e inovação no sentido de alcançar maior geração de renda, mais empregos, mais justiça social e melhores condições de vida para o povo brasileiro.

Santos Dumont cumpriu o ideal do cientista, do pesquisador e do desbravador. Tinha visão do futuro, mas mantinha seu olhar firme no compromisso com a sociedade à qual pertencia. Ele arriscou os passos por caminhos que ninguém havia percorrido e pôs sua cabeça a prêmio, pensando que muitos tinham tentado sem êxito.

Minhas amigas e meus amigos,

Na figura de Santos Dumont também se homenageiam outros tantos brasileiros e brasileiras que ajudaram a nossa pátria. Os pioneiros e os trabalhadores da nossa indústria aeronáutica, os aviadores que ajudaram a integrar o imenso território brasileiro, os pilotos da Força Aérea que pereceram na Segunda Guerra Mundial e tantos outros heróis que, de forma anônima ou não, ajudaram a construir o Brasil em que vivemos. Hoje, assim que eu retornar a Brasília, caberá a mim a honra de inscrever o nome de Santos Dumont no Livro dos Heróis da Pátria, localizado no Panteão de Heróis.

Mas esse grande mineiro não estará recebendo uma homenagem exclusivamente do Presidente da República, nem exclusivamente do Congresso Nacional, que aprovou a sua inclusão na lista de heróis. Santos Dumont, que reuniu todas as virtudes necessárias para transformar a sociedade, estará sendo homenageado por todo o Brasil. Enaltecer o seu trabalho e divulgar suas qualidades de ser humano significa mostrar caminhos e apontar uma direção segura às novas gerações de brasileiros, significa



também revigorar a nossa auto-estima e deixar ao mundo em geral e ao Brasil, em particular, um legado de perseverança, de conhecimento, de idealismo, de coragem e de capacidade de empreender.

Meus amigos e minhas amigas de Minas Gerais,

Meus amigos e minhas amigas de Santos Dumont,

Não é pouca coisa prestarmos uma homenagem a um herói tão importante, a um cientista que se não fosse brasileiro, certamente se fosse francês, americano ou inglês, teria o seu nome cantado em verso e prosa em todos os carnavais. Não seriam poucos os poetas, os compositores e os escritores que teriam feito livros e artigos e mais artigos falando bem de Santos Dumont, entretanto, ele é brasileiro e alguns disputam com a gente a primazia de termos ou não inventado o avião, os americanos até hoje pensam que foram eles que inventaram o avião, quando na verdade, a única prova que a humanidade tem, de algo mais pesado que o ar levantar do chão e voar, é exatamente o 14 BIS do nosso querido Santos Dumont.

Se nós brasileiros, não assumirmos a responsabilidade de transformar as pessoas importantes na nossa história em nossos heróis, nós corremos o risco de ficar imaginando política apenas pelo cotidiano daquilo que acontece todo santo dia, e nos esquecemos que, antes de nós, tivemos homens e mulheres que praticaram coisas tão boas que são a razão pela qual nós estamos vivendo o século XXI.

Minas Gerais é o estado brasileiro que possivelmente, se fôssemos selecionar as principais personalidades do Brasil a se transformarem em heróis, em símbolos, a gente encontraria boa parte deles aqui em Minas Gerais. Foi aqui neste estado, foi aqui nesta terra que nasceu a primeira luz vermelha para a independência do nosso Brasil, e todo mundo sabe que Tiradentes foi esquartejado, salgaram a sua carne, penduraram nos postes, achando que tinham apagado as idéias da Independência. O que os algozes de Tiradentes daquela época se esqueceram é que era fácil salgar carne, era fácil



desaparecer com a carne, mas era muito difícil, e por que não dizer, impossível, apagar as idéias libertárias que motivou a passagem de Tiradentes pelo estado de Minas Gerais e pelo nosso país.

Minas Gerais pode mostrar ao mundo as obras extraordinárias de um homem nascido em Congonhas, o Aleijadinho, menos divulgado do que deveria ser, menos exposto do que deveria ser, porque outros países do mundo que têm um artista da magnitude do Aleijadinho certamente o teriam transformado num símbolo para ser conhecido, desde uma criança de 10 anos de idade até uma pessoa com 90 anos de idade.

Entretanto, aqui no Brasil esses valores permanecem, porque nós temos heróis anônimos, como as pessoas que resolveram reinventar o Museu de Santos Dumont, cuidar disso aqui como parte viva de um passado do povo brasileiro mas, sobretudo, cuidar na expectativa de que a chama que permitiu que Santos Dumont fosse o que fosse, teimoso como era, ousado como era, que colocava a vida em risco, a troco de encontrar uma coisa boa para o nosso País, a troco de dar vazão à sua inteligência, nós esperamos que essa ousadia, que essa vocação de Santos Dumont permeie, durante os próximos séculos, a cabeça das nossas meninas e dos nossos meninos para ver se teremos, no Brasil, mais algumas centenas ou milhares de gênios como foi Santos Dumont e como é Santos Dumont para o nosso País.

Quero agradecer ao Ministro do Turismo pelo apoio que deu, quero agradecer à Aeronáutica pelo apoio que deu, quero agradecer à Secretaria da Presidência da República pelo apoio que deu. Mas, sobretudo, eu quero agradecer aos companheiros e companheiras da cidade de Santos Dumont que, com muito sacrifício, resolveram recuperar desde a casa em que nasceu Santos Dumont até as cartas que ele mandava para o mais simples caseiro que tomava conta da casa em que ele morava, aos documentos mais importantes. Recuperar isso, guardar isso significa que vocês estão dizendo a mim, Presidente da República, aos meus ministros e ao povo brasileiro: nós



aqui, em Santos Dumont, não apenas gostamos de cultura e de história, nós aqui, em Santos Dumont, sabemos guardar e sabemos cuidar daquilo que foi o nosso passado, porque será a demonstração mais viva do futuro que vocês estão construindo.

Meus parabéns, muito obrigado e boa sorte a todos vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da posse do presidente do Peru, Alan García**

**Lima-Peru, 28 de julho de 2006**

Sinto-me honrado em ter recebido de meus colegas presidentes e dos altos representantes aqui presentes a incumbência de saudar aquele que o povo peruano escolheu democraticamente para conduzir os destinos do Peru nos próximos anos.

Ao conduzi-lo ao comando do país, os peruanos renovaram seu voto de confiança em um homem público dedicado ao diálogo, ao entendimento e aos interesses maiores do Peru.

Ao voltar à Presidência da República, meu caro Alan, você encontrará não só um país distinto daquele que presidiu anos atrás. Terá diante de si também uma América do Sul muito diferente. Superamos os anos sombrios do autoritarismo, vivemos hoje em toda a região um ciclo de crescimento econômico. Nossos países lograram controlar a inflação e diminuir a vulnerabilidade externa de suas economias. Todas essas conquistas obtivemos com muito sacrifício e não eliminaram os enormes desafios que temos pela frente.

Depois de mais de duas décadas perdidas, persiste ainda a pobreza e a desigualdade social. Necessitamos renovar nossas estruturas produtivas e construir uma infra-estrutura física e energética à altura dos desafios que temos pela frente.

Uma nova geração de governantes têm plena consciência de todos esses problemas. Sabemos que crescer economicamente é importante e necessário. Mas sabemos também que não é suficiente para resolver os graves problemas que a desigualdade social provoca em nosso continente.

É fundamental vincular indissolúvelmente o crescimento à distribuição de



renda. É necessário, ao mesmo tempo, desenvolver programas de inclusão social capazes de dar resposta aos problemas emergenciais provocados pela exclusão.

Esses programas não são “filantrópicos” ou “populistas”, como pretendem alguns. Eles contribuem para minorar a sorte daqueles que vivem situações extremas. Ajudam na constituição de um mercado de bens de consumo de massas, na dinamização da economia.

Nossos países vivem as conseqüências de uma situação periférica no mundo. Mas apreendemos que não basta lamentarmos eternamente nossa situação e transferir para outros, responsabilidades que são nossas.

As mazelas que marcam nossas sociedades são em grande parte de responsabilidade das elites políticas que nos governaram e que se beneficiaram da pobreza, da desigualdade e do autoritarismo e, inclusive, da situação de dependência que vivemos.

O que marca cada vez mais a nova geração que tem hoje a responsabilidade de governar nossos países é uma forte sensibilidade social, profundas convicções democráticas, determinação de construir economias sólidas e a convicção de que, para atingir esses objetivos, necessitamos nos integrar. A integração física, energética, produtiva, social, cultural e política é a chave para garantir nossa presença soberana e competitiva neste mundo desigual e hostil em que vivemos.

Você, meu caro Alan, é sensível a essas realidades. Governou este país, enfrentou dificuldades. Volta à Presidência com mais experiência. Tem agora a oportunidade e todas as condições para corresponder à expectativa daqueles que o conduziram à presidência e, inclusive, de todos aqueles que votaram em outros candidatos e querem o bem do Peru.

Temos plena confiança em sua disposição de enfrentar conosco os desafios da integração sul-americana. Você tem como inspiração o ideário Victor Raul Haya de la Torre, que sempre associou o destino de seu país ao



do nosso continente.

Meu caro Presidente,

Saudamos, na sua pessoa, a vocação integracionista do povo peruano. O compromisso do Peru com o ideal de uma América Latina solidária e com a consolidação de uma Comunidade Sul-Americana de Nações ganha, hoje, nova força. Para realizar essa tarefa contamos com o extraordinário potencial dos recursos naturais e humanos de nossa região e com seu empenho pessoal para a promoção da justiça social.

Sei que falo em nome de todos quando afirmo que queremos compartilhar as excelentes experiências econômicas, sociais e políticas que vêm sendo postas em prática em todo nosso continente. Saiba, portanto, que não estará só ao enfrentar os desafios à frente da nação peruana. Estamos forjando, hoje, um ambiente de diálogo e cooperação único na história sul-americana.

Foi com essa confiança, que meu governo apostou – e segue apostando com entusiasmo – em uma associação estratégica entre o Peru e o Brasil. A construção da Rodovia Interoceânica e a parceria de empresas peruanas e brasileiras simbolizam essa vontade de unir duas nações vizinhas e amigas. Ela atesta a determinação peruana em fortalecer a Comunidade Andina de Nações e em aprofundar seus laços com o Mercosul. Sobretudo, essa obra reafirma o compromisso de construirmos a infra-estrutura necessária para ligar o Pacífico ao Atlântico, integrando assim, em definitivo, nosso continente por meio de diálogo, cooperação e comércio. Mais que a ligação entre dois países, essa rodovia dá consistência a toda nossa América do Sul.

Meus amigos

Todos conhecemos a trajetória política de Alan Garcia. Alguns, como eu, mantemos relação pessoal de muitos anos, o que permitirá que nosso diálogo seja mais fluído e nossas relações políticas mais francas e produtivas.

O que posso dizer-lhe além de boa sorte, Companheiro Alan García?



É, portanto, com viva emoção que convido todos a erguer um brinde para desejar que sua gestão seja marcada por muita paz, prosperidade e justiça para todos os peruanos.





**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura da reunião sobre Biodiesel**

**Palácio do Planalto, 31 de julho de 2006**

Primeiro, quero agradecer a presença de todos vocês aqui, nesta conversa sobre o biodiesel. Agradecer aos trabalhadores, aos empresários, aos companheiros do governo, aos ministros. E dizer para vocês que nós estamos vivendo um momento, eu diria, para o futuro do nosso País e para o futuro da bioenergia, que é uma coisa um pouco mágica, porque nem todos nós temos a dimensão do que pode acontecer no mundo com a utilização do biocombustível.

Nós começamos, e muitos de vocês participaram desde o começo, construindo o nosso arcabouço, a nossa engenharia de produção de biodiesel, estamos há dois anos e os resultados têm sido surpreendentes, do ponto de vista do nível em que nós chegamos na questão do biodiesel. A expectativa do mundo é muito grande. Eu acabo de chegar do G-8 em que a BR me preparou um folder em inglês para entregar para cada presidente, e tem expectativa na América Central, tem expectativa na América do Sul, tem expectativa na África, tem expectativa na Europa.

Ou seja, nós estamos com uma engenharia na mão e uma possibilidade que não estava na cabeça de ninguém há 3 anos e meio. E o interesse de outros países tem sido surpreendente. Internamente, nós estamos percebendo que os resultados são extremamente favoráveis. E, de quando em quando, nós vamos ter que fazer essas reuniões, para que a gente coloque as nossas informações em dia, para que a gente coloque as nossas pretensões em dia e para que a gente possa ir fazendo o ajuste nas coisas que estamos fazendo porque, ao mesmo tempo em que nós queremos apresentar ao mundo a solidez de um programa que possa oferecer uma matriz energética renovável e



garantidora de que nós vamos ter uma grande responsabilidade pela despoluição do planeta e por não ficar dependente do preço do petróleo, nesse programa tem uma característica empresarial, uma característica energética muito forte, mas tem uma característica social profunda, que é o fortalecimento da combinação entre a nossa capacidade de construir a fábrica, produzir o biodiesel e gerar riqueza neste País, e gerar distribuição de renda via parcerias com a agricultura familiar.

E nós também temos que ter uma preocupação no avanço que vamos dar. Ou seja, nós temos um compromisso na lei de que até 2008 nós iríamos atender 2% de biodiesel no óleo diesel, depois assumimos, na mesma lei, o compromisso de que até 2013 nós chegaríamos a 5%. Acontece que, pelo andar da carruagem, eu acho que nós vamos ultrapassar, com muita facilidade, esses índices que nós colocamos.

Obviamente que nós temos a indústria automobilística, que está participando aqui hoje, também, e eu sou um daqueles que acham que nós poderemos ultrapassar os limites que estão estabelecidos na lei, na hora em que a indústria automobilística tiver a disposição de provar a si e a nós mesmos que colocar um pouco mais, um pouco menos, não vai criar nenhum problema no seu motor, pelo contrário, vai ser um ganho para todos nós.

Então, quero agradecer a presença de vocês, por isso, porque esse programa não pode... a gente não pode permitir que esse programa cresça de maneira desordenada. Nem ele decresça, nem cresça de forma desordenada. É preciso ir acompanhando *pari passu*, porque uma coisa que me chamou muito a atenção, nesses dois anos e meio, é que nós começamos a discutir a questão do etanol com outros países e, sobretudo, com mais força no Japão, na viagem que eu fiz ao Japão. E a principal preocupação do governo japonês – já tinham tomado a decisão de introduzir 3% de etanol na gasolina deles – mas, a preocupação deles era saber o seguinte: se nós éramos sérios o suficiente enquanto país, enquanto empresa para, na hora em que eles



assumissem a responsabilidade de levar para o posto de gasolina, saber se nós íamos atendê-los, se nós íamos assumir os compromissos.

E, obviamente, quando se trata de combustível, o compromisso é outro porque aí não pode faltar no posto e nós temos que ter seriedade. Tem que ter estoque regulador, quem vai controlar isso, quem vai garantir essa produção, quem vai garantir a compra, porque senão todo mundo desejoso de investir, de ganhar muito dinheiro, de produzir muita mamona... nós tivemos um momento aqui em que uma prefeitura da Bahia incentivou o pessoal a plantar mamona, e todo mundo plantou, mas não tinha nenhum compromisso com a BR de comprar com alguém, então ficou a mamona sem ter quem comprar. Eu pedi para o Miguel Rossetto, que era o ministro, ir lá e ver se a gente conseguia comprar, com quem nós poderíamos negociar. Então, esse controle e esse cuidado nós temos que ter até a consolidação definitiva do Programa, a consolidação da utilização do biocombustível de verdade como essa nova fonte energética.

Nós vamos, agora, com os leilões que fizemos, vamos cumprir, já em 2007, a meta que estava prevista para cumprirmos em 2008 e, pela sede e pelo interesse que eu tenho visto de empresários de outros setores, se a gente não tomar cuidado, daqui a pouco, está todo mundo querendo investir no biodiesel. E nós precisamos, em um primeiro momento, ir cuidando disso com um certo carinho, e é por isso que nós estamos fazendo esta reunião hoje, para que a gente possa ouvir de vocês e para que a gente possa falar, como nós estamos e as coisas que nós vamos fazer. Tem uma agenda, eu vou pedir e passar a palavra para a Dilma, nós vamos começar isso com a abertura do Ministro das Minas e Energia, e depois, então, tem um roteirinho.

Dilma, a palavra com você.